

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**"CONSENSOS" E "CONFLITOS" NA (RE)ELABORAÇÃO DE UM CENÁRIO
TURÍSTICO PARA CANOA QUEBRADA, ARACATI - CE**

Rafael Falcão Gonçalves da Silva

FORTALEZA - CE

2005

RAFAEL FALCÃO GONÇALVES DA SILVA

**"CONSENSOS" E "CONFLITOS" NA (RE)ELABORAÇÃO DE UM CENÁRIO
TURÍSTICO PARA CANOA QUEBRADA, ARACATI - CE**

*Monografia apresentada ao corpo docente do
Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal do Ceará, como parte
dos requisitos necessários à obtenção da
Graduação em Ciências Sociais.*

Orientadora: Prof^ª. Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira

Fortaleza

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

"CONSENSOS" E "CONFLITOS" NA (RE)ELABORAÇÃO DE UM CENÁRIO
TURÍSTICO PARA CANOA QUEBRADA, ARACATI - CE

Rafael Falcão Gonçalves da Silva

*Monografia apresentada ao corpo docente do
Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal do Ceará, como parte
dos requisitos necessários à obtenção da
Graduação em Ciências Sociais.*

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira
Orientadora

Prof^a. Dra. Simone Simões Ferreira Soares

Prof^a. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim

Para vocês, minha família.
“O que seria de mim sem vocês?”.

AGRADECIMENTOS

* São raras as famílias como a minha, sempre tão pacientes, tão devotada e amorosa comigo e que mesmo a milhares de quilômetros de distância conseguiam me dar apoio nos momentos difíceis e forças pra continuar concluindo meus estudos. Primeiramente é a todos vocês, Mamãe, Papais, Vovós e vovôs, tios e tias, irmãos e irmãs, que agradeço pela possibilidade de realizar esse trabalho e toda essa grande aventura que foi fazer faculdade aqui no Ceará.

* Tem alguns professores que se tornam verdadeiros mestres, fontes de inspiração não só profissional e intelectual, mas, muito além disso, existencial. Agradeço sinceramente a minha orientadora Irllys Barreira (um verdadeiro “tipo ideal” de socióloga para mim, cujos textos e falas me ajudaram o tempo todo), ao professor e colega Domingos Abreu, e às queridas professoras Simone Simões e Linda Gondim – que completam a banca examinadora deste trabalho.

* Mas havia horas em que não queria saber de pensar, de estudar, ou de me preocupar com as coisas da vida, e nestas horas, ninguém foi mais importante do que os amigos Éden Jenklins, Carlos e Telma Parente, Rubens Venâncio, Francisco Edson, Marina Rebeca, Daniel Ruoso, Sérgio Brito, Danielle e Joannes Paulus, entre outros que me perdoarão o esquecimento, pois ando bem atarefado. A vocês, também, muito obrigado!

* Não poderia deixar de agradecer às “tias” que tanto me ajudaram aqui no Ceará “adotando-me” como um verdadeiro filho e apoiando-me nas dificuldades cotidianas que a minha inexperiência parecia acrescentar. Tia Luiza, Marinice e Sueli, “OBRIGADÃO”!

* À todo o pessoal de Canoa Quebrada, pela receptividade e paciência com que me receberam. Não poderia ter havido lugar melhor para realizar meu trabalho de campo nesse Estado!

* Agradeço, também, ao CNPQ, pela bolsa de Iniciação Científica que muito me ajudou financeiramente a seguir meus trabalhos.

SUMÁRIO

Capítulo I - Introdução: circunstâncias da pesquisa, viabilização do trabalho e métodos de coleta de dados.....	3
Capítulo II - Marés e discursos: para falar de um contexto etnográfico.....	10
2.1- Para uma história dos discursos: problematizando um espaço problematizado.....	11
2.2- Antigas marés, história especulativa.....	11
2.3- O discurso do “paraíso” em Canoa Quebrada.....	12
2.4- Outras marés: o contra-discurso "problematizador".....	15
2.5- Organizações comunitárias, PRODETUR e uma terceira "maré discursiva": o discurso da "requalificação".....	20
Capítulo III - A contemporaneidade em questão: sociabilidades e "complexidade".....	24
3.1- Sobre as condições da pesquisa sociológica nos espaços contemporâneos.....	24
3.2- Da ordenação aparente à desordem intransigente: uma proposta de exposição.....	28
3.3- O ordenamento hierárquico do espaço social de Canoa Quebrada.....	30
3.3.1- Investimentos privados e modificações espaciais.....	31
3.3.2- Associações comunitárias e a "luta" pela conservação espacial.....	33
3.3.3- A noção de <i>pacificação</i> e o papel do Estado.....	34

3.3.4- Outras estruturas e a contribuição primordial de Pierre Bourdieu.....	36
3.4- O espaço das práticas em Canoa Quebrada.....	44
3.4.1- Durante o dia.....	45
3.4.2- A “balada” noturna.....	52
3.5 - "Modernização" e "resistências": a noção de "conflito estético".....	54
Capítulo IV - (des)Considerações finais ou do “espanto” contemporâneo.....	58
Bibliografia.....	60
Anexo 1.....	64
Anexo 2.....	73

I - INTRODUÇÃO: CIRCUNSTÂNCIAS DA PESQUISA, VIABILIZAÇÃO DO TRABALHO E MÉTODOS DE COLETA DE DADOS:

Fui incentivado a escrever essa introdução a meu trabalho de monografia por dois fatores preponderantes: um deles chamo Simone Simões, nossa doutora antropóloga, tão libertária e libertadora para nós alunos temerosos de botar no papel nossas toscas idéias de monografia; a outra motivação é pessoal e pode ser traduzida nessa passagem de Gondim e Lima:

Se levarmos em conta as precárias condições em que temos de realizar nosso trabalho - bibliotecas limitadas, infraestrutura de apoio deficiente, recursos insuficientes para cobrir os custos da pesquisa - tornar-se um bom pesquisador exige um elevado investimento pessoal (2002: 23).

Trata-se, assim, até de uma necessidade de desabafo de alguém que apenas ensaia seus primeiros passos no mundo acadêmico-científico e sente na pele as durezas do que é – principalmente nessa condição de iniciando profissional – tentar fazer pesquisa nesse Brasil “cabisbaixo” (em tempos onde a esperança lulista dissipa-se), nesse Ceará “sem recursos” (em tempos onde a falta de subsídios públicos é a regra), e nessa UFC “sucateada” (em tempos quando até tetos de salas andam despencando).

Ademais, esse texto pode servir de alguma coisa para o atento leitor, visto que falando um pouco das condições de surgimento de meu trabalho acabo descrevendo as variáveis contextuais que, sem dúvida, influenciaram meu discurso. Além dessa pertinência “interpretativa” para o leitor, creio que este capítulo presta-se a atender à demanda contemporânea da pesquisa intelectual antropológica de se colocar em discussão a questão da “autoridade do etnólogo”, como faz, por exemplo, James Clifford em seus recentes trabalhos (CLIFFORD, 2002).

Primeiramente devo dizer que sou de Cuiabá-MT e que vim para o Ceará com dois sinceros interesses: cursar uma boa faculdade num lugar diferente e conhecer de perto as tão comentadas Brasil afora belezas litorâneas do nordeste. Desde que aqui cheguei era isso que vinha fazendo e se devo a alguém o sucesso de meus projetos iniciais, devo-o a minha família, que me tem apoiado e patrocinado até hoje.

Diferente de muitos de meus colegas, a escolha do curso de Ciências Sociais, esse curso tão pouco compreendido pelo senso comum (e pelo senso de meus pais, a princípio),

decorreu de esforço de vontade seriamente deliberado por mim ao longo de todo um ano em que parei meus estudos para refletir no que fazer, afinal, no vestibular. Mesmo antes de entrar no curso, já me interessava surpreendentemente por suas temáticas e conhecera alguns livros dos chamados “três porquinhos” da sociologia (Marx, Durkheim e Weber) bem como alguns trabalhos antropológicos. Durante, principalmente, os dois primeiros anos de meus estudos acadêmicos, uma situação de flerte apaixonado com nossas disciplinas manteve-se, estimulando-me a estudar bastante durante o semestre letivo. Mas a grande aventura (pessoal e intelectual) que empreendi ao longo desses anos de faculdade acontecia nas férias, quando eu escolhia um roteiro no mapa e saía a andar, só e despreocupado, pelos lugares, turísticos e desconhecidos, que me atraíam nas redondezas de Fortaleza – que iam mais e mais se alargando. Mas foi somente no início do segundo ano de meu curso que comecei mais diretamente a flertar com a idéia de pesquisar praias turísticas, modernização dos povoados, ou alguma coisa parecida com isso (o que eu queria mesmo era levar meu trabalho de campo – que a professora Simone Simões já havia me convencido ser fundamental – para tais lugares que tanto me atraíam).

Neste ponto, devo lembrar uma das vantagens que o nosso curso com certeza oferece para aqueles que – como eu – se aventuram em suas possibilidades. Nós, cientistas sociais em geral, simplesmente podemos pesquisar quase tudo, desde que saibamos fazer os recortes devidos e as relações necessárias com alguma(s) teoria(s). Mas é a partir daí que a questão se complica, visto que ainda que se tenha liberdade na escolha do objeto de pesquisa, a questão de como se vai fazer para leva-la adiante, ou seja, para “viabilizar” o trabalho, fica por conta do pesquisador. E, para alguém que queira fazer trabalho de campo intensivo (observação participante) num lugar como Jericoacoara (distante uns 400 km de Fortaleza e uns 80 reais - só a passagem – do meu bolso), esse “fica por sua conta” pode se tornar fortemente embotador.

Felizmente não foi em Jericoacoara que eu decidi pesquisar; o lugar que realmente me instigou (não só por suas belezas, mas por constituir-se campo de trabalho bastante expressivo para o tipo de questões que eu começava a formular) foi a também turisticamente famosa praia de Canoa Quebrada, mais perto (50 reais a menos de passagem) e mais acessível do que Jericoacoara para um pesquisador independente e iniciante.

O Estado do Ceará localiza-se no Nordeste do Brasil, cuja porção litorânea é atualmente muito conhecida pela beleza das praias e onde turismo está se fazendo cada vez mais presente. Canoa Quebrada se situa a 13 km da cidade de Aracati, sendo um distrito praiano com cerca de 2500 habitantes fixos (Aracati tem, aproximadamente, 65.000 habitantes e localiza-se no extremo sul do Estado, quase fazendo divisa com o Estado do Rio Grande do Norte). Atualmente 150 km de estrada asfaltada ligam a capital Fortaleza à vila de Canoa Quebrada diretamente, contribuindo para a situação atual onde a localidade figura como o segundo mais visitado ponto turístico do estado, ficando atrás, apenas, da capital.

Meu primeiro contato com Canoa Quebrada deu-se ainda em março de 2003 quando estive lá como visitante. A vila ainda não tinha calçamento algum, mas uma enorme placa azul já anunciava as reformas de “requalificação” que algum tempo depois eu definiria como recorte empírico de minha análise (ver fig. 1 e 2 em Anexo 1). Durante todo o ano de 2003 e, oficialmente, até julho de 2004 (quando se inauguraram oficialmente às obras que dariam novas estruturas à vila), uma grande reforma de "requalificação" urbana ocorreu na vila, colocando calçamento nas principais vias, construindo praças, modificando drasticamente a rua principal, adicionando iluminação, drenagem, etc. Obra de porte milionário e em torno da qual uma forte onda de marketing se formou, envolveu recursos internacionais e mobilizou a comunidade em discussões que me pareceram muito instrutivas. Com o tempo acabei centrando grande parte de minha análise nos eventos e discursos que levaram a estas obras e nas modificações - práticas e discursivas - que derivaram dela; mais à frente retomarei este assunto.

Fui para Canoa (permitam-me usar a carinhosa redução “nativa”) novamente em junho e depois em julho de 2003, conhecendo a cidade na chamada alta temporada turística, quando as chuvas e o excesso de carros e pedestres faziam com que a rua principal ficasse toda enlameada; ainda assim, a noite era cheia de gente e animada. Foi também nestas últimas visitas que tomou corpo minha decisão de pesquisar sociologia e antropologia "no turismo" em Canoa. Em um recesso que tive em agosto desse mesmo ano, passei um mês em Chapada Diamantina, na Bahia, onde existe, talvez, um dos mais incríveis exemplos de pequenas cidades moldadas por um turismo fortemente presente desde 1970 no Brasil; este acabou sendo mais um fato crucial, instigando, ainda mais, minha curiosidade para

pesquisar as modificações que a “legitimação” das práticas do turismo traziam aos pequenos povoados.

Aquilo tudo me impressionava e atraía ao mesmo tempo, e foi esse espírito que me levou a tocar minha pesquisa adiante, superando as dificuldades financeiras, de aproximação ao campo, e de tempo (num curso que tanto fala em trabalho de campo, mas que não apóia efetivamente a realização deste pelo aluno, pois não deixa tempo livre para isso, nem incentiva excursões – salvo as poucas e honrosas exceções de professores que ainda tentam fazê-lo, liberando uma ou outra de suas aulas para tanto), em contraste com a postura de outros professores que, além de não apoiar, desencorajavam minha atitude de buscar encontrar-me logo com a realidade do campo, em vez de deter-me mais e mais tempo nas sacralizadas teorias.

Pois bem, foi, finalmente, em 19 de setembro de 2003 que eu, pela primeira vez, me mandei pra Canoa convencido de estar oficiosamente “pesquisando”. Iniciava meu quarto semestre de faculdade e nem tinha concluído as disciplinas do corpo teórico básico do curso (Teoria Antropológica, Teoria Sociológica e Teoria Política, ministradas ao longo do segundo ano da graduação), mas as obras de requalificação que tanto me interessavam realizavam-se ininterruptamente e eu considerava crucial o momento para análise. Creio que nada poderia ser tão vivamente sincero, quanto a minha expectativa para essa primeira jornada a campo, do que as linhas iniciais de meu diário de campo:

ANOTAÇÕES LIVRES SOBRE A PESQUISA:

Tenho lido muita teoria, só nesse iníciozinho de semestre vi um pouco de Ruth Cardoso, Duran, Foote-White, Elias, Hobsbawm, Goffman, Gluckman, Barreman, Zaluar, Mead, Boas, Cicurel....Se, num primeiro momento (ainda esperando o ônibus pra Canoa), quero me preocupar com minha contextualização enquanto pessoa-sujeito e ator de uma análise – ou um construto? – que hoje se inicia oficialmente. Acho que deveria começar expondo com sinceridade um pouco do arcabouço (tomara que não “pressuposto”) teórico que levo comigo em meu mochilão de 75 litros. Felizmente esse arcabouço não é simplesmente teórico, é vivencial. Talvez poucas pessoas no Ceará, e pouquíssimos cientistas sociais, tenham viajado como eu tenho feito pelo Nordeste turístico. Nada como a empiria, minhas chinelas que o digam (para os diabos com os ortodoxos academicistas!).

Cada lugar, certamente, tem suas particularidades, suas tramas, e valores privilegiados, mas o turismo, como atividade/instituição que se constrói singularmente “cosmopolita”, me acena com algumas regularidades nesse Nordeste praiano, regularidades sobre as quais eu pretendo “aprender a falar”.

Mal sabia eu que esse “aprender a falar” era tão literal quanto foi. Não foi certamente por excesso de rigor científico que Malinowski (1984) defendeu com tanta ênfase a necessidade de se aprender a “falar a língua nativa”; para mim, mato-grossense dos que vergam o ‘r’, e que não sabia sequer o que significavam expressões como “parrudo” (termo nordestino que significa pessoa forte de corpo) ou “jabá” (carne seca) quando aqui cheguei, esse processo de “aprender a falar como o nativo”, embora muito mais brandamente do que certamente foi para o clássico antropólogo funcionalista, foi de suma importância no processo de situar minha pessoa no contexto em questão.

Em Canoa a hospitalidade das pessoas é já folclórica e conseguir que elas falem a respeito do que “pensam” acerca de uma coisa ou outra não é realmente difícil – às vezes elas encontram alguma dificuldade para arranjar tempo, principalmente quando se trata dos fins de semana, feriados ou temporada de férias, quando as pessoas trabalham mais intensamente, e quando era mais fácil para eu conseguir tempo pra “escapar” até lá. No entanto, para quem queria, como eu, ir além dos meros dizeres (muitas vezes padronizados) – e tentar captar nas ações, nas emoções, nas expressões mais sutis de confiança e nas entrelinhas das falas mais informais aquilo que de fato me aparecia como opinião dos atores com que interagia em meu trabalho – e aprender os “tempos”, os jeitos, as entonações, as gírias e todos os outros detalhes da “fala do canoense”, do pescador, do aracatiense, do fortalezense visitante, etc, me parecia de importância cabal essa aproximação lingüística. Isso por que, devo dizer, *meu método predileto de coleta de informações foi a “prosa”*. A conversa descomprometida, flexível e, na medida do possível, tão amigável quanto poderia ser.

Concluindo, para viabilizar minha pesquisa em campo primeiramente foi preciso aprender a me “virar” com o pouco dinheiro que tinha; acampado em vários lugares diferentes, tentando conseguir carona com amigos ou mesmo na estrada (com estranhos) pra não pagar passagem, inventando pequenos trabalhos para compensar minha residência temporária em casas de amigos ou mesmo em pousadas, ou ainda passando dias a me alimentar com frutas (que são, por enquanto, os únicos alimentos ainda baratos nesses lugares turísticos) e sopa de legumes das “tias” que passaram a reconhecer, com o tempo, o rapaz que estava sempre a perturbar-lhes com perguntas bobas e pedidos de descontos nos preços.

Foi preciso, assim, “aprender a língua nativa”, e não simplesmente a língua falada, mas toda uma linguagem da “face” (ver Goffman, 1992) e do corpo, aprendendo a responder a certas demandas que os próprios atores iam criando para alguém que queria interagir com eles, não apenas de maneira formal, mas como amigo, colega ou pessoa, em sentido mais amplo. Essa segunda etapa da “viabilização” do meu trabalho foi talvez ainda mais difícil pra mim do que as outras, pois exigiu de minha parte adaptar-me à necessidade de “representar-me” enquanto pessoa dentro de padrões estéticos e ideológicos com os quais nunca me afeiçoara antes de forma tão profunda. Refiro-me, principalmente, à necessidade de aproximar-me da “estética”¹, e dos modos de vida dos chamados “hippies” e “neo-hippies”, tarefa que se mostrou realmente necessária na medida que tal “estética” se mostrava fortemente instalada no contexto em questão, a ponto de indicar que entender um pouco melhor Canoa passava, também, pelo entendimento desse grupo e suas visões de mundo.

Não quero com isso insinuar que minha inserção foi perfeita ou sem choques; pelo contrário, ao se colocar em diálogo as identidades sociais (minhas e dos outros), os pequenos conflitos estiveram sempre à flor da pele, muitas vezes latentes em “não ditos” que às vezes se somatizavam em piadinhas, tiradas e uma ou outra inimizade (ocorridas quando eu era mais inexperiente, digamos). Como Geertz (1989: 23) lembrava ao discutir Wittgenstein em um de seus livros mais famosos: “Situar-nos, um negócio enervante e só parcialmente possível”.

Ainda assim, se fosse fazer um “balanço geral” da experiência de trabalho de campo como um todo, diria que o saldo foi positivo pra mim. Aprendi a dançar reggae, caprichei no bronzado, decidi usar adereços artesanais, e diria mesmo que acabei virando um admirador do evento mor da cultura neo-hippie canoense: o lual na barraca dos “reggueiros” na praia (ver fig. 3 em anexo 1). Brincadeiras à parte, creio que poderia dizer que “familiarizei-me” – para usar os termos de Damatta (2000) – com o jeito “descolado” de ser canoense, passei a gostar dele, a ver sentido nas coisas (como apertar-se por horas num cubículo cheio de corpos suados embalados pelo “reggae hoots”), e, em certa medida

¹ Quero que se entenda o termo ao longo desse texto em sentido mais amplo, como padrão relativamente cristalizado de modos de agir e de se representar socialmente, congregando, portanto, vestimentas, comportamentos lingüísticos e valores tribalmente (Ver MAFFESOLI, 1987) negociados e imprimidos.

pelo menos, entender estas coisas como elas eram significadas e compartilhadas pelo vasto grupo de atores que lhes dava sentido.

Para finalizar, cabe explicar melhor como entendo e utilizo a etnografia como método de coleta e interpretação dos dados empíricos. Se num primeiro momento de seu surgimento a prática etnográfica esteve ligada ao estudo de sociedades tribais e com elas constituiu grande parte de seus princípios teórico-investigativos, é preciso que se entenda que a antropologia não se define por seus objetos ou mesmo por seus métodos. Sua aplicabilidade para o estudo do considerado “próximo” ou “complexo” já ganhou fundamentação teórica significativa. Pelas palavras de Merleau-Ponty, a etnologia é só “(...) a maneira de pensar quando o objeto é ‘outro’ e que exige nossa própria transformação. Assim, também viramos etnólogos de nossa própria sociedade, se tomarmos distância com relação a ela” (1984: 199-200).

Como comecei a entender, a especificidade e a importância do método etnográfico está na proposição de que ao entrar em contato com a alteridade (próxima ou distante), com as ditas “teorias nativas”, o pesquisador é “afetado” pelo modo de ver as coisas de seus informantes, aproxima-se dos sentidos que se atribuem às coisas nas práticas do dia-a-dia do “nativo” – podendo classifica-los num sistema de referências que faça sentido pra si mesmo, em seu arcabouço teórico – , porque, e somente *na medida em que*, faz isso se apropriando dos usos das categorias de referência locais. Foi por conta disso que tanto me detive no “prosear com”, no “aprender a falar com”, no “situar-me”, etc, porque tencionava partir das “experiências próximas”, dos “arranjos nativos”, para, daí em diante, “interpretar tais interpretações” de modo a torna-las relevantes no âmbito das perguntas que fazia (ver Geertz, 1989 e 1997).

II - MARÉS E DISCURSOS: PARA FALAR DE UM CONTEXTO ETNOGRÁFICO:

“Dizer é fazer”

(P. Bourdieu).

O regime das marés é parte do corpo, do “relógio biológico” (conforme o jargão da moda) do pescador. Conhecer esse regime é essencial para aqueles que têm sempre que “sair pro mar”, “comprar o peixe”, recolher suas embarcações, assim como é essencial para os que se estabelecem nesse entorno, para as sociabilidades que se criam em torno de jangadas e redes. A maré que provém e atraiçoa, transporta e esconde, constrói e destrói, tem seus fluxos e refluxos, suas altas e baixas, distende-se, encolhe-se e tem até suas “ressacas”.

Como elas, os nossos discursos. Estes também são inquietos, construtivos e destrutivos, expandem-se, difundem-se, atrofiam-se, enamoram-se uns com os outros para se apartarem logo em seguida; a cultura é dinâmica, como já tão bem se falou, e a “dinâmica da produção cultural” é nosso objeto um tanto “escorregadiço” – como nos faz lembrar Geertz (1997). Gostaria de insinuar aqui uma história discursiva para a comunidade que é o centro empírico desse estudo, e poderia explicar essa intenção seguindo esse mesmo texto em que Geertz tangencia o problema dos discursos como vêm sendo discutidos hoje. Como ele esclarece, um de nossos objetivos enquanto antropólogos “(...) é tornar assuntos obscuros mais inteligíveis, dando-lhes um contexto informativo” (ibidem: 227), Um enquadramento histórico da situação etnográfica pode ser parte desse “contexto informativo”, ainda que as histórias que nos chegam devam ser sempre questionadas e, elas mesmas, contextualizadas, motivo pelo qual pretendo falar de uma “história discursiva”. Mais uma vez seguindo o texto citado:

(...) analisar o uso de símbolos como ações sociais, (...) vendo a comunidade como se fosse uma fábrica na qual os pensamentos são construídos e desconstruídos, e a história como se fosse o território que eles capturam ou entregam; e portanto, é também dar atenção a assuntos tão complexos como a representação da autoridade, a demarcação de limites, a retórica da persuasão, a expressão de compromissos, e o registro da discordância (ibidem: 229).

Veja-se, também, Bourdieu que em sua conferência inaugural no *Colège de France* descrevia muito bem a intenção crítica e perscrutadora que pretendo dar às representações daquilo que gosto de chamar “marés discursivas canoenses”:

A sociologia deve ter como objeto (em vez de aí se deixar envolver) as lutas pelo monopólio da representação legítima do mundo social, cujas lutas de representações são uma dimensão de toda luta de classes – classes de idade, classes sexuais, classes sociais (1982: 15).

Neste trabalho, tenciono investigar, com uma confluência de etnografia e análise crítica do discurso² (propostas que, no meu modo de ver, contêm correspondências e homologias muitas), o processo de “requalificação urbanística” que se deu nesta famosa “vila praiana” de Canoa Quebrada. Procurando vislumbrar o que tal processo “fala” sobre o contexto social pesquisado, ou seja, como ele é resultante de uma certa figuração social e elemento modificador dentro dessa mesma. Neste capítulo, como já disse, minha intenção será apenas retratar (no sentido de “oferecer um retrato de...”) a história do que se falou, de como se representou com maior ou menor legitimidade e consenso a vila, as relações sociais e a história recente de Canoa Quebrada; falas que se fazem elementos constituintes – pelo menos como eu as entendo – de visões nacional e internacionalmente difundidas do distrito. Falas que, em um ou outro momento se tornavam aceitas ou não, e que, quando tornavam-se consenso, exerciam uma eficácia prática ordenando as ações coletivas em sentidos e repercussões nem sempre previstos.

2.1 Para uma história dos discursos: problematizando um espaço problematizado

Mesmo no Nordeste em geral, onde só há pouco mais de três décadas o potencial turístico passou a ser visado de forma mais marcante, o pouco tempo de experiências de forma alguma é proporcional à quantidade de publicações científicas na área. Geógrafos, historiadores, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos e talvez pensadores de todas as especialidades em ciências humanas e sociais, contam com maior ou menor bibliografia no assunto.

Vários desses profissionais, por uns ou outros métodos, têm demonstrado muita sensibilidade ao descrever as “dificuldades” e “problemáticas” (mas também as possíveis

² Especificamente a realizada por P. Bourdieu (1996)

“vantagens” e “potencialidades”) dessa “alternativa de desenvolvimento” que, como conta o discurso oficial do estado, o turismo representa. No Ceará, por exemplo, é notória a contribuição de geógrafos como Edson Vicente da Silva, Eustógio Wanderley C. Dantas e José Borzacchiello da Silva, que vêm seriamente reinterpretando as problemáticas ecológicas e sociais que o turismo de certas localidades, longe de “solucionar”, tem até “agravado”.

Para a sociologia, porém, o fato de determinado tema, assunto ou mesmo campo de pesquisa já ter sido alvo de estudos pretéritos não possui nenhuma significação embotadora. Muito pelo contrário, a análise dos discursos produzidos pelos intelectuais (que não deixam de ser atores em um ou outro momento da cena em observação – e por isso a profusão de aspas com que tenho que apresentar os termos destes) constitui variável de relevância na medida que estes discursos podem ser lidos como peças constituintes da “realidade social em negociação” que tentamos entender um pouco melhor e, nos termos de Magnani, mais “de perto e de dentro” (2002 : 11-29).

No caso da vila praiana de Canoa Quebrada, a qual me propus analisar, trata-se de espaço de conflitos que há tempos vêm sendo debatidos, afirmados e reformulados, por diversos órgãos e pensadores dentro e fora da comunidade. Os lugares turísticos em geral – e principalmente aqueles onde pré-existem comunidades locais e um ecossistema frágil – são alvo de muitas discussões e conflitos. Canoa Quebrada não foge a esta regra e coloca-se sempre em meio a diálogos e disputas simbólicas que vêm se travando regionalmente (mas não só regionalmente) em torno das políticas sócio-organizativas a serem aplicadas nestes locais.

2.2 - Antigas marés, história especulativa:

Em primeiro lugar falarei um pouco da história remota da vila, história que não nos interessa muito para os propósitos do trabalho, mas que serve de sustentação para que se entenda um dos primeiros e mais importantes discursos consensualmente difundidos ainda pelos primeiros visitantes da vila: o “discurso do paradisíaco” (Muniz : 2004; Cirino 1990).

Acerca da comunidade “originária”, daquilo que se passou na vila antes de 1970, os dados são escassos e descontraídos e nem mesmo os discursos chegam inteiros. Dos

contos e versos de “Zé Melancia” – poeta popular local já falecido, hoje nome de escola pública na vila – autores regionais e locais extraem histórias um tanto lendárias da vila, de sua criação, do surgimento de seus nomes, símbolos e personagens ilustres. Parece aceito, pela própria história oral da localidade, que ela é habitada desde o século XVII, pelo menos, quando viajantes portugueses teriam encalhado em sua praia e sido ajudados por nativos da região (Cirino 1990). Um exercício interessante, e menos especulativo, é partir do que existe de documentado sobre o contexto próximo, pois o centro urbano de Aracati, a apenas 13 km, já era importante porto de embarque para a maior parte do charque e outros víveres produzidos ao longo do vale jaguaribano, ajudando a abastecer engenhos e outras cidades nordestinas, adentrando, assim, no sistema de produção colonial (ver, por exemplo, Girão, 1984). Ainda hoje Canoa Quebrada é distrito do município de Aracati. É interessante que se saiba que Canoa embora tão próxima da vida comercial e cidadina (que alvorecia na sede desde o séc. XVIII) permaneceu relativamente autóctone até a década de 70 do século passado, quando a visitação turística começou a se popularizar. Seus habitantes eram basicamente pescadores, vivendo também da parca produção agrícola e da troca do excedente marítimo por complementos alimentares trazidos por comerciantes de Aracati chamados “marchantes”. As mulheres desde pequenas aprendiam a tecer o labirinto³, que também era vendido para comerciantes de Aracati.

Provavelmente, o primeiro estudo científico feito na vila data da década de 1960, quando um grupo de pesquisadores da UFC fazia um trabalho de catalogação de comunidades costeiras e passou por lá. Segundo Cirino, em dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC em 1990, a imagem que o grupo de pesquisadores da década de 60 delineia da comunidade é a de uma vila típica de “campesinato pesqueiro”, com casinhas de taipa e um modo de vida que, de maneira muito reducionista, costuma-se chamar de “tradicional”: organização social “simples” e estruturada em torno da reprodução da vida material com a socialização progressiva dos jovens acompanhando seus parentes na execução de suas atividades.

³ Artesanato local secularmente tecido pelas mulheres da vila. Usa-se uma armação retangular de madeira (labirinto) para prender as extremidades da peça e borda-se dentro dessa fazendo os minuciosos detalhes do rendado. “É trabalho que exige muita paciência e vista boa...”, confidenciou-me uma informante aparentando cerca de 70 anos.

Mas não pretendo me deter mais tempo nas descrições que nos chegam da aparência originária da “aldeiazinha de pescadores e labirinteiras” que os mais saudosistas parecem querer resgatar. Passarei agora a relatar as representações que se formaram acerca desta comunidade, por um conjunto de atores que passaram a difundir algumas das mais poderosas formas de classificação elaboradas em torno da vila e sua vida social.

2.3 - O discurso do “paraíso” em Canoa-Quebrada

Desde o início de meus trabalhos em Canoa, procurei dar voz a um grupo de informantes que me parecia fonte de informações riquíssimas, o grupo dos mais velhos, dos mais idosos moradores da terra. Alguns dos relatos que consegui destes foram realmente fonte de questões importantíssimas, colocando em questão, por exemplo, algumas das “certezas” sobre a história antiga do povoado, propostas em outros trabalhos.

Neste grupo de informantes merece expressivo destaque as memórias da dona Teté (atualmente a mais antiga nativa viva), que da varanda de sua casa, enquanto tecia suas peças de labirinto, fazia-me viajar imaginando os tempos passados de sua terra. Suas palavras são significativas:

Essa Canoa aqui, meu filho, todo mundo sempre gostou dela. Aqui vinha povo de Mossoró, de Russas, de Aracati (Major Bruno já teve casa aqui, antes de ir pra Majorlândia [major Bruno é uma antiga autoridade local, fundador do povoado até hoje chamado desta forma]) e todo mundo gostava, ficava um tempo depois ia embora.

Desse que talvez apareça para alguns como um simplório relato, é possível extrair pistas para perceber as formas como se originaria e expandiria na década de 1970 o movimento crescente de pessoas procurando a “tranqüilidade” e a “paz”, que se dizia ter “descoberto” naquele remoto lugar.

Na verdade, a constatação da importância desses “discursos do paradisíaco” para a história da praia, para a sua divulgação e promoção nacional e internacionalmente, não é nada original; diversos trabalhos acadêmicos se referiram a este assunto, como a já citada dissertação de Cirino (1990). Recentemente, porém, poderia destacar uma outra dissertação de mestrado – desta feita, em lingüística, na própria UFC – em que a autora se incumbiu justamente de fazer uma análise dessa “maré discursiva” canoense de seu surgimento até nossos dias. Muniz (2004) distingue três “momentos” nesse processo: primeiramente,

quando da chegada dos primeiros viajantes, “hippies”, “aventureiros” – grupo de “desviantes” não conformados com a vida citadina e capitalista (como afirma Cirino) –, que se entusiasmou com a “simplicidade” e a “liberdade” da vida nativa, bem como com as belezas naturais do ambiente e saíram a alardear a “descoberta do paraíso”.

Um outro relato tirado da entrevista que fiz com um desses “aventureiros” de seus 45 anos que chegou na vila em sua época mais “aldeã”, e que até hoje não conseguiu sentir vontade de sair de lá, pode ajudar nessa caracterização:

... estávamos todos fugindo dali, fugindo da metrópole, do sistema social vigente, e tudo mais que tava rolando (...) o que nos fez ficar aqui foi... a liberdade, a beleza que tinha aqui, a tranqüilidade, a paz e a possibilidade de poder viver com praticamente nada de material e viver feliz. Então, quando cheguei aqui, era o paraíso, isso aqui era *o paraíso*, não tinha estrada, quem vinha, vinha a pé pela duna, não tinha carro; e uma comunidade de uma hospitalidade incrível, o recebimento que tivemos aqui naquela época é uma coisa única. A hospitalidade de não te fazer se sentir estrangeiro, te faziam sentir da família, você tava passando na rua e as pessoas te chamavam, te faziam entrar, oferecia comida...depois se podia trabalhar com qualquer coisinha, vender qualquer coisinha só no fim de semana e passar o resto da semana curtindo, não tinham impostos e nada mais...

Mas me parecia no mínimo curiosa à terminologia extensamente utilizada naquele “primeiro momento” evocando a idéia “cabralina” de “descoberta”. Comentando estas impressões com este mesmo informante “ex-hippie” da citação acima, ele esclarece:

Mas o sentido da idéia de descoberta do paraíso é simplesmente por que este lugar significava pra gente um paraíso comparando com as grandes cidades capitalistas de onde vínhamos, não queríamos dizer que *descobrimos* o lugar como se tivéssemos achado ele, claro que sabemos que já existiam moradores aqui. Mas pra nós era uma descoberta de um lugar diferente, especial e simples.

O segundo momento descrito por Muniz de forte produção e distribuição de tal discurso consolida-se já na década de 80, com a valorização simbólica do espaço Canoa Quebrada sendo difundido não apenas entre grupos de hippies, mas também entre visitantes de outros tipos atraídos pela promessa idílica do local “descoberto”, um verdadeiro paraíso possível de liberdade e tranqüilidade. Por essa época se tornou freqüente a visitação do lugarejo, principalmente por pessoas das cidades próximas que vinham atraídos pelos ótimos comentários que lhes chegavam, e voltavam comumente sendo novos difusores das representações idílicas e, na maioria das vezes, positivas do local. Com esse sentido poderíamos citar casos e mais casos de narrativas de fortalezenses de seus 40 anos em diante que contam as histórias de quando conheceram a “vilazinha” na década de 1980,

quando não havia estrada ou luz elétrica e as pessoas ainda ficavam nas casas simples de nativos, grátis ou a custos módicos. Escutei essas narrativas da parte de amigos, conhecidos, colegas, professores, antigos moradores, em diversas ocasiões e de diversas formas (mantendo-se este 'roteiro básico'). Os trabalhos acadêmicos e relatos de pessoas que vivenciaram esses tempos na vila costumam insinuar uma ligação entre a época de novas chegadas – e o aumento daquilo que eles definem como “turismo tradicional” ou “de massa” – com a ascensão de “novos hábitos e valores, o que desencadeia uma redefinição das atividades da comunidade e das relações entre nativos e visitantes”. (Muniz, 1994: 43). Cirino é muito expressivo ao insinuar essa idéia, trazendo inclusive dados estatísticos em seu trabalho, demonstrando a redução do número de barcos de pesca e falando de um processo de “monetarização” crescente das relações. Segundo Cirino (1990: 45-47), o número de embarcações teria caído de 60, em 1970, para 38, em 1990. O de pescadores teria caído de um total de 150 para a metade disso no mesmo espaço de tempo.

Muniz trata ainda de um terceiro momento de exploração do “discurso do lugar paradisíaco” em Canoa, referindo-se à acentuação da divulgação dessa imagética ao longo da década de 1990 e à apropriação da mesma pelo Governo do Estado, no intuito de divulgar seu programa turístico, sendo que Canoa – que já vinha há algum tempo se organizando espontaneamente para a recepção dos turistas que não paravam de chegar – colocava-se sempre como peça privilegiada neste roteiro, por sua fama nacional e internacional. Essa apropriação do discurso divulgador do espaço turístico no Estado pelo poder público é, de fato, uma novidade importante com que lidamos nesse contexto. Temos aqui uma importante conexão com as novas elites no poder político do Estado, formadas por um grupo do empresariado local, de retórica fortemente desenvolvimentista, e que inaugura essa ênfase dada ao turismo dito "alternativa de desenvolvimento" para o estado. Somente a partir do estabelecimento dessa nova elite, portanto, é que o turismo ganha status privilegiado e que as políticas públicas para o melhoramento dos espaços turísticos passam a ser objetivos presentes no discurso desse poder público (ver, por exemplo, Parente e Arruda, 2002).

Folders, propagandas televisivas, reportagens e textos orais são alguns dos veículos onde esta imagem difunde-se, agora fazendo referência não só à natureza, mas também às

opções de recepção diversificadas que atraíam também o grupo de turistas que não dispensa o conforto citadino dos colchões macios, quartos climatizados e culinária “sofisticada”.

É importante percebermos como a dinâmica da produção discursiva se fez neste caso, sendo apropriada e resignificada ao longo desses momentos, nos distintos contextos de aplicação de sentidos nos quais o objeto "Canoa Quebrada" foi representado. Assim, pode parecer até cômica (ou, para os mais saudosistas, tragicômica) a forma como as alegres sentenças com que os primeiros hippies tratavam a vila acabaram sendo usadas adiante para divulgar imagens da mesma que terminariam por atrair formas de sociabilidade mercantilizadas que tanto afugentara estes mesmos hippies dos grandes centros urbanos.

2.4 - Outras marés: sobre o contra-discurso “problematizador”

Mas é preciso superar a aparência consensual ou unívoca do discurso paradisíaco, Canoa nem sempre foi representada dessa forma, ainda que certamente na publicidade turística as referências ao paradisíaco tenham estado sempre presentes. Os discursos, enquanto representações sociais, convivem uns com os outros e, por vezes, concorrem entre si, impelidos que são por uma profusão de interesses também concorrentes (eis o sentido da expressão de Bourdieu na citação acima: "lutas pelo monopólio da representação legítima do mundo social"). Se, por seu lado, a visão paradisíaca que descrevi pode ser entendida tendo como referência o grupo de interesses que “investiam” na difusão dessa visão – sejam estes interesses de “nativos” orgulhosos, de hippies fugindo da vida urbana, de empreendedores que surgiam ou de especuladores imobiliários –, por outro lado, há sempre os descontentes, discordantes, produtores de contra-discursos que ganham certa relevância (e, por vezes, tomam a dianteira nesse conflito simbólico) em um ou outro momento do fluxo social em constante negociação. Com esse sentido chega-nos uma série de elementos discursivos principalmente a partir de meados da década de 1980. Conforme já se disse, por esses anos assiste-se na vila a um significativo aumento do fluxo de visitantes na localidade, e um correspondente crescimento na variabilidade da procedência e dos interesses desses mesmos visitantes. Tão acelerado processo de “turistificação” da vila e suas impressionantes conseqüências nas sociabilidades envolvidas, começam a gerar descontentamento e “problemas” em número cada vez maior.

Primeiramente, e para fins meramente esquemáticos, pode-se pré-definir dois tipos de críticas que se fazem ouvir mais fortemente em meio ao alvoroço de falas que surgem acerca da praia cada vez mais “à vista”. Tem-se a crítica de caráter moral e cultural extensamente formulada nos circuitos tidos como mais “conservadores” de observadores da vila que vão se deter nos “perigos engendrados pelo turismo”, como a “promiscuidade dos costumes e a decadência moral” do local. O trabalho de Cirino traz bons exemplos desse corpus discursivo, comumente presente em jornais, relatos policiais e documentos de cunho religioso:

... a vida de Canoa Quebrada, tal como é hoje em dia, poderia continuar indefinidamente, se não fosse a denúncia que o Sr. HC fez através da seção de cartas do O Povo, edição do último dia 24 de maio, segundo o qual a maioria dos visitantes que para lá se dirigem o fazem para praticar verdadeiro ato de atentado à moral e aos bons costumes. Ainda segundo a denúncia do delegado de Aracati, subtenente da polícia militar, AAS, prendeu um casal de franceses que praticava o ato sexual em plena praia, completamente nus, indiferente à possibilidade de aproximação de qualquer pessoa, inclusive crianças. E se não bastasse, essa Canoa Quebrada está se transformando lentamente num perigoso antro de marginais, pelo uso indiscriminado de drogas e maconha, vício a que estão sendo levados menores até de todo Brasil e também aos próprios moradores do lugar. E a coisa está assumindo tal gravidade que a atividade da pesca está se reduzindo dia a dia (...) e verdadeiras ‘quadrilhas de viciados’ e traficantes que ali estão instalados com seu quartel general... (Jornal “O Povo”, 19.10.1980; in CIRINO op.cit.).

Tem-se, também, a crítica, mais técnica do que ético-religiosa, de um extenso grupo de observadores de dentro e fora da comunidade local – visitantes descontentes, estudiosos, moradores críticos – impressionados com as mudanças em processo e que, apesar de divergirem entre si, concordam acerca da “evidência” de que “Canoa tem problemas”. Essa visão “problematizadora” do espaço em questão fazia-se mais e mais corrente nos diversos espaços onde se comentava o nome Canoa Quebrada, a partir da década de 1980.

No alvorecer das idéias que originariam esta pesquisa, tive contato com uma série de comentários descontraídos acerca da vila e estes eram, em grande parte, negativos. Mesmo nos comentários de colegas já se evidenciava a colocação da vila como “local problemático”, referindo-se à promiscuidade dos costumes e aos problemas com a especulação imobiliária. Posteriormente, assistindo a seminários e reportagens que chegavam a meu conhecimento, pude ver formulações mais elaboradas em torno da crítica ao “modelo de gestão turística” implantado (ou não) naquele distrito. Tal crítica, vinda principalmente de intelectuais, representantes de ONGs e de setores outros da sociedade civil organizada, fora toda formulada com certa carga de denúncia do grupo de empresários

políticos que teria determinado o modelo de gestão turística no Estado do Ceará a partir de fins da década de 80. (ver, por exemplo, PARENTE e ARRUDA, 2002). Canoa Quebrada era apontada como exemplo de sistema falido em gestão pública turística na região e variáveis sociais e ecológicas eram agitadas como exemplos da “problemática” situação.

Após algum tempo, percebi que essas críticas não eram tão recentes quanto imaginava e que o local já era campo de discussões há tempos. No próprio trabalho já citado de Cirino (1990), o tom de denúncia da “invasão do turismo”, da especulação imobiliária (naquela época no auge), e para com as desigualdades que a “modernização” da vila parecia acentuar não se faz menos presente. Algumas das expressões mais elaboradas dessa perspectiva problematizadora podem ser colhidas no próprio Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracati (1998). Segundo este Plano, era ostensiva a presença de “ocupações inadequadas, expulsão crescente da população nativa e crescente transformação do uso residencial em usos de comércio e serviços (...) degeneração da cultura local, a presença de sinais de prostituição e o comércio de drogas...” (1998 : 2-4), na Canoa Quebrada da década de 1990. Da mesma forma, em trabalhos acadêmicos de cunho mais amplo, onde se propõe uma abordagem sintética como que num balanço do turismo do Nordeste brasileiro, essa percepção crítica acaba por predominar. Nos conhecidos trabalhos da geógrafa Adyr A. B. Rodrigues como em seu *Turismo e espaço* (1997 a) ela retrata, com toda essa “negatividade”, a problemática do chamado processo de “turistificação”:

Quando o turismo ocorre em áreas povoadas (...) observa-se impacto geralmente negativo, ocasionando assim séria transformação nos valores, nas tradições, nas crenças, desestabilizando essas comunidades. Trata-se de um processo irreversível. O problema é delicado pois as populações autóctones desejam as mudanças e sonham com sua integração a vida moderna, com acesso aos bens que o ‘progresso’ proporciona (RODRIGUES, 1997a : 92).

A culminância prática desse discurso crítico – culminância que se fez sentir na medida em que ele vinha-se tornando consensual – vai se dar precisamente por ocasião do surgimento da idéia do plano de requalificação urbanística de Canoa Quebrada. Em verdade, uma das primeiras hipóteses com que iniciei meu trabalho, foi, justamente, que estas reformas seriam como que um reflexo prático da eficácia simbólica deste conjunto de representações “problematizadoras” – e, por vezes, até depreciadoras – com que se classificava a praia e sua comunidade “desfacelada”. Bourdieu (1996) trata da “eficácia da instituição simbólica”, propondo que se entendam os atos de instituição como “ativos”

pragmaticamente, pois que são possuidores de um poder performativo de legitimar e autorizar distinções socialmente criadas:

A ciência social deve levar em conta o fato da eficácia simbólica dos ritos de instituição, ou seja, o poder que lhes é próprio de agir sobre o real ao agir sobre a representação do real (ibidem: 99).

Minha hipótese, nesse sentido, é justamente de que classificada e crescentemente reconhecida como “espaço problemático e de estratégica importância turística”, a praia de Canoa Quebrada – assim representada legitimamente como atestam os dizeres do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracati, acima citado – exigiria das autoridades regionais e dos moradores “respostas” que passariam a ser cobradas e elaboradas principalmente com a ascensão das organizações comunitárias, que passaram a surgir desde a década de 1980.

2.5 - Organizações comunitárias, PRODETUR e uma terceira "maré discursiva": o discurso da "requalificação".

A organização comunitária em associações que ganham relevância no contexto local passa a ser acontecimento marcante na articulação e efetivação dos planos de gestão da vila. A primeira organização, a AME (Associação dos Moradores do Estevão), surge em 1986, motivada pela organização dos moradores de uma área da vila denominada Estevão, como referência ao nome de seu fundador. A organização funda-se como resposta às investidas de "posseiros" de fora da vila que reclamavam a propriedade legal da área.

Outras organizações surgiriam com fins diferentes: associações profissionais, projetos educacionais, culturais ou esportivos, etc. (ver fig. 4 em anexos 1). Até 1998, assiste-se à crescente expansão da importância e das atividades destas, que passam a integrar seus esforços com a criação, neste mesmo ano, do conselho comunitário que coordenará as ações dos diferentes grupos de interesses dentro da vila

As falas dos líderes comunitários com quem conversei acerca desses assuntos são unânimes em dizer que a criação do conselho só foi possível pelo acordo entre os diversos grupos no sentido de se desvencilharem das diferenças pontuais de interesses para unirem-se em torno da solução de problemas comuns, como o descrédito que a onda "estigmatizadora" que se constituía acerca da comunidade impunha ao turismo na vila e o

"descaso" com que, segundo eles, eram tratados pelos governantes. É certo que, organizados coletivamente e cobrando em uníssono por melhorias para o governo, suas reclamações conquistaram mais força. A credibilidade que tal conselho obteve merece consideração, pois pela primeira vez a vila começava a angariar fundos regulares, provenientes de entidades filantrópicas de fora do estado e do país, para levar adiante projetos de assistência aos moradores e, principalmente, as crianças locais.

Precisamente no momento em que a organização da sociedade canoense atingia seu apogeu, entra em cena o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo na Região Nordeste (PRODETUR), que tem sua versão cearense (PRODETUR-CE), criada em 1992. Como Benevides (1998), entendo esse programa como parte da tendência "estrategista" de "mentalidade empresarial" que, hodiernamente, tem-se tornado a norma, tanto nos países mais desenvolvidos, como naqueles que se pretendem "em desenvolvimento", no que tange à política administrativa governamental. Magnani (2002), tratando da "requalificação" dos centros urbanos, demonstra que se trata de uma "nova forma de planejamento urbano" baseada em projetos que propõem uma renovação desses espaços a partir do "planejamento estratégico"⁴ que: "além de adequá-los como lugares de consumo, inaugura uma nova modalidade de consumo cultural, isto é, o 'consumo do lugar'" (Magnani, 2002: 13).

Em 1997, concluída uma primeira fase de pesquisas e estudos técnicos, iniciam-se os projetos de execução das obras para a efetivação da estrutura turística nos locais selecionados como pontos de "relevância" turística no estado. Em Canoa Quebrada, as principais lideranças, associações e agentes da comunidade tomaram logo conhecimento da criação desse programa e se lançaram logo na concorrência por demonstrar a importância de Canoa Quebrada no contexto regional. Alguns costumam descrever esses momentos como uma verdadeira "corrida" pela elaboração dos projetos e para levar adiante o diálogo com a comunidade que era preciso para trazer os recursos destinados pelo PRODETUR. Segundo os dados fornecidos pelo governo do estado na propaganda distribuída por ocasião do lançamento oficial das novas estruturas, 6,3 milhões de reais foram aplicados na vila, sendo 70% recursos do estado e 30% da prefeitura. O mesmo Conselho Comunitário

⁴ Segundo Magnani (2002: 14): "...o planejamento estratégico, modelo difundido no Brasil por algumas agências multilaterais (...) é inspirado em conceitos e técnicas oriundos do planejamento empresarial (...)" (: 14). Em Canoa Quebrada o Banco Interamericano de Desenvolvimento figurava entre os financiadores das obras.

também se mostrou muito ativo em outra "luta" (como eles costumam chamar), agora pela criação da Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada que saiu efetivamente apenas em 2000.

Para aqueles que acompanharam de perto as reformas que se faziam na cidade, poderia parecer incrível a aceitação aparente das obras pela comunidade, apesar dos transtornos que causavam. Canoa, que não parava de receber turistas, tomou a feição de um grande canteiro de obras por cerca de um ano, mas o que se dizia era que aquilo tudo era um mal necessário pra melhorar a estrutura da vila, para atrair turistas, reconhecimento, dinheiro, etc. Com o fim das obras e sua inauguração simbólica pelo governador do estado em julho de 2004, a lógica dos discursos acerca de Canoa Quebrada dá uma sensível e abrupta guinada: o que se precisa evidenciar agora é que Canoa "está mudada, mais bonita, mais iluminada e organizada...", como me disse uma colega de Fortaleza que sempre aparece por lá aos fins de semana. Em jornais locais e na mídia em geral essa imagem é multiplicada, como pode se ver na citação a seguir:

A 'Broadway' cearense está mais bonita. Toda em pedra portuguesa, bancos de madeira, postes rebaixados e uma nova sinalização para os visitantes da vila litorânea (...) Assim é Canoa Quebrada, uma praia que desenvolve ações constantes para oferecer aos visitantes mais qualidade de serviço e o que o cearense tem de melhor: a hospitalidade (DIÁRIO DO NORDESTE de 15/10/2004: 5).

E esta recente "maré de discurso" que passa a predominar em relação Canoa, vem exercendo uma eficácia prática surpreendente, como foi possível constatar. Se a "requalificação" tinha a intenção de melhorar a "qualidade" do turista em Canoa, de fato isto parece ter sido conseguido. Pude acompanhar vários relatos de fortalezenses que passaram a apreciar mais a vila re-configurada espacialmente e que passaram a vir com mais frequência à mesma depois de longos períodos sem ir até a vila "muito desorganizada e até perigosa que havia antes". É visivelmente maior o turismo familiar e mais costumeiro ver famílias e pessoas mais velhas nas festanças da noite canoense. O "embelezamento" das ruas parece ter estimulado as pessoas a se vestirem de forma mais "arrumadinha", tornando-se comum coisas antes ausentes, como sapatos e tênis nos pés que antes vestiam apenas chinelas, assim como extinguindo coisas antes contumazes, como a presença de homens sem camisa e descalços. O espaço se "pacifica" para os mais endinheirados, ainda que incomode àqueles que gostavam de Canoa exatamente pela alternativa que esta representava para o "*modus vivendi*" citadino - como pude notar nos comentários de

colegas lá residentes ou “nativos” que se diziam “incomodados” ao passar pela nova Broadway, preferindo andar pelos “becos”. No capítulo que seque procurarei adentrar mais a fundo nas práticas da vida dos atores que constituem o sociodrama vivido em Canoa, para com isso poder tratar melhor das subjetividades, como estas se envolvem nesse processo de modificações espaciais e sociais. Tentarei dar um panorama das "complexas" formas de organização do espaço físico na cidade e de como este mesmo espaço se pratica e ganha significado sendo vivenciado pelas pessoas que dele se utilizam.

III - A CONTEMPORANEIDADE EM QUESTÃO: SOCIABILIDADES E COMPLEXIDADE

O tempo não está identificável; visto de relance, mostra-se oco. Parece ser o tempo dos apagamentos, dos desaparecimentos, das formas em vias de fazer-se, mas instáveis. O senso comum afirma que nada mais é como antes, sem situar esse antes; faltam referências e sobram razões de incerteza.

Georges Balandier.

3.1 - Sobre as condições da pesquisa sociológica nos espaços contemporâneos

Talvez o que mais encante muitos daqueles que se tornam "fãs de Canoa" - que vem visitar a praia para conhecer suas belezas e acabam criando um vínculo inexplicável com aquela gente "hospitaleira", suas dunas, praias e falésias encantadoras ou, por outro lado, com sua badalada noite "cosmopolita" -, esteja na ordem de subjetividades tão variadas que nenhuma interpretação ou definição conceitual plausível seja possível, principalmente no paradigma monofocal e monovocal das interpretações praticadas até hoje.

Como defende James Clifford (2002), seria preciso "dar voz" aos outros "atores" da constituição etnográfica, questionando o poder unilinear da autoridade etnográfica tradicional (de Malinowski a Geertz), ainda que este seja um projeto sempre um tanto experimental e insuficientemente acabado. No meu caso, seria bem difícil reunir toda essa intensa vivência de tantos pontos de vista: dos turistas estrangeiros de "primeiro mundo", até os tristonhos velhinhos que conservam algumas das últimas casas de taipa e palha existentes em Canoa, passando pelos hippies da "nação latino-americana", ou pelos jovens fortalezenses que veraneiam na praia nas férias ou nos feriados ao longo do ano. Talvez por isso o que fiz pode ser considerado simplório, se se levar em conta a antropologia "pós-moderna" de Clifford: simplesmente tentei identificar e "aprender a falar" (com maior ou menor sucesso) com alguns grupos que iam me parecendo mais relevantes na constituição, sempre tão transitória, das cenas sociais que presenciei. Procurei interar-me de seus sentimentos, crenças e significados coletivamente compartilhados, para com isso lançar luzes sobre sua interação com o simbólico das ruas, dos becos e dos novos e antigos

equipamentos do espaço urbanizado da vila, dando ênfase à relação dos *usuários* do espaço com as fortes mudanças trazidas pela "requalificação urbanística" da vila.

Para alguém que acompanhava com olhar crítico essa marcante transição na história da "urbanização turistificadora" da vila, ficava um sentimento de que alguma coisa mudou, ou melhor, a de que várias pequenas coisas mudaram, alterando as representações que se originam acerca do espaço e mudando os comportamentos dos distintos grupos dentro desse mesmo espaço. Estava lidando com um processo de modificação espacial planejada, que envolveria um processo de resignificação e conseqüentemente diversificaria, como pretendo mostrar, a própria constituição dos "consumidores" deste espaço.

Ao longo do capítulo anterior, onde comentei um pouco a história da vila, espero ter esclarecido como a praia de Canoa Quebrada cresceu muito em tamanho e "complexidade" nas últimas décadas. Quando procurei parar para pensar a organização espacial e as sociabilidades que se erigiam em torno da Canoa Quebrada de hoje uma das primeiras categorias que me pareceu relevânte foi exatamente a de "complexidade". Presente em diversos trabalhos de teóricos de todo o mundo, tal conceito passou a me interessar quando conheci a sua utilização, livre de valorações evolucionistas, presente nos trabalhos de Gilberto Velho tratando de antropologia urbana (Velho, 1987 e 1994). Da forma como este autor trabalha, a noção de complexidade ganha ar mais técnico, querendo se referir a espaços sociais caracterizados pela multiplicidade semântica, estética, valorativa, econômica, produtiva, dentre outras, que se encontram nos grandes centros urbanos contemporâneos.

Ora, uma primeira contradição surgiria aqui: Canoa Quebrada não é, certamente, o que se pode chamar de um "centro urbano" e muito menos uma metrópole moderna, ainda que (e eis aqui uma primeira curiosidade que instigava minha investigação) vivesse uma forma de urbanização e parecesse congregar uma variedade de opções, atividades e imaginários de referência internacional, contendo ambientes de um "refinamento" estético e artístico que surpreende, principalmente, quando lembramos que se trata de uma "vilinha" de seus 2500 habitantes. O que dizer de alguns dos mais novos restaurantes e hotéis da vila, decorados com referências à arte internacional? Uma das pizzarias da cidade, por exemplo, chama-se Dali e é cheia de quadros reproduzindo famosas pinturas do surrealista espanhol.

Foi tentador, inclusive, pensar que estaria eu lidando com o que poderia entender como uma "mini sociedade complexa", uma variação do conceito de Velho adaptável a uma realidade de pequeno porte em termos espaciais e populacionais (o espaço urbano de Canoa não supera os 4 km² de extensão) De fato, creio ser isto que, em alguma medida, se passa em espaços pequenos e altamente "turistificados" como este, onde as contradições da contemporaneidade se tornam mais acentuadas.

Sendo assim, como afirmam Velho e Machado:

Uma das maiores dificuldades da ciência social no meio urbano contemporâneo é justamente ter de lidar com grupos cujos contornos são, por definição, instáveis. Isso não significa que esta instabilidade não tenha sua lógica e qualquer tentativa de definir, aprioristicamente, certas características como essenciais pode levar a reificação de conceitos. Assim parece-nos importante que nossas hipóteses sejam flexíveis para poder decifrar o aparente caos da vida urbana (1976: 11).

Elementos tidos como típicos dos grandes centros urbanos (sistemas sociais mais "complexos" por excelência) como os fenômenos da impessoalidade e do individualismo também podem ser encontrados em Canoa. As relações que parecem secas, rotinizadas, frias e quantitativamente reguladas, de que tanto falaram os representantes da escola de Chicago (ver Wirth, 1979 e Simmel, 1979, por exemplo), estão de alguma forma presentes em vários dos ambientes que fazem parte da Canoa Quebrada de nossos dias. Pessoas que não se conhecem morando a algumas dezenas de metros de distância são casos comuns que até surpreendem nas histórias que o pesquisador escuta.

Sendo a escola de Chicago a primeira a lidar com o "fenômeno urbano" de forma mais direta, seus postulados foram muitas vezes criticados, e em varias destas com razão. A idéia da impessoalidade dos meios urbanos foi uma das noções mais criticadas, o que de fato faz sentido quando, observando mais "de dentro", como sugere a antropologia contemporânea, percebemos que em meios urbanos também se produzem fortes laços sociais de trocas materiais e simbólicas. No Brasil, por exemplo, muitos estudiosos da escola de antropologia do Museu Nacional no Rio de Janeiro produziram fortes questionamentos aos métodos e teorias dos estudiosos de Chicago. Na visão daqueles estudiosos, estes últimos eram deterministas ecológicos, contaminados por uma rígida visão dicotômica opondo rural e urbano e muito superficiais metodologicamente (G. Velho e Machado da Silva, 1976; Magnani, 2002).

Se considero razoável voltar um pouco a tal discussão, é por que creio que esta pode estar silenciada, mas de forma alguma resolvida. Quando se diz que nos meios urbanos a vida é impessoal, certamente está-se cometendo uma generalização pouco instrutiva e insustentável. Porém tal idéia não é de todo descabida. Em alguma medida e de alguma forma todos nós sentimos isso quando cruzamos "pedaços" que não são os nossos (para usar a terminologia de Magnani).

Talvez por seu tamanho tão reduzido, meu campo me serviu como um perfeito microcosmo onde pude verificar fenômenos "urbanos" - como os que expressaram-se anteriormente pela noção de impessoalidade - aparecendo e se tornando mais compreensíveis pra mim. O que pude perceber é que com o acréscimo de heterogeneidade de origens, atividades, trajetórias e intenções dos sujeitos sociais que coabitam na vila, a multiplicidade lingüística e a distância simbólica que se torna comum entre estes tão distintos atores faz com que os mesmos "se cruzem sem se ver", socialmente falando.

Parto do princípio de que a base de qualquer forma de solidariedade social está no "interesse" ou no "acordo" - e, mais freqüentemente, nestes dois elementos juntos. O interesse na troca de qualquer espécie - que para Lévi-Strauss (1989) fundava-se na proibição do incesto - ou o acordo simbólico e lingüístico mínimo acerca dos significados a dar às coisas mais banais da vida, e a nossa necessária relação com estas, são os fundamentos da necessidade de agir socialmente. E são estes mesmos elementos, interesses e acordos, que chegam a faltar quando se confronta *modus vivendi* tão distantes como o da velha labirinteira "nativa" e o do "gringo" instrutor de "Kitesurf" que mora na vila há alguns anos, ou ainda, às intenções e significados atribuídos à realidade social pelo hippie que trabalha no bar de reggae e os da mineira dona de restaurante e líder comunitária (para ficar em alguns dos exemplos reais de que tive conhecimento, e sem levar em conta a presença ainda mais "dissonante" dos turistas estrangeiros de passagem que estão sempre presentes em maior ou menor medida).

Talvez o que esteja muito errado na interpretação da velha escola norte americana de sociologia seja a idéia de que os fenômenos urbanos derivariam simplesmente de suas "qualidades ecológicas" distintas (desprezando inclusive a irrefutável adaptabilidade de nosso gênero às mais diversas dessas condições). Como entendo, a impessoalidade se

explicaria pela dissonância simbólica originada pela variabilidade de imaginários que a modernidade possibilitaria aproximar, sem, no entanto, fazer *conviver*.

A noção de *sub-culturas* parece-me aqui primordial. Mais uma vez me reportaria a G. Velho que tratou de tal conceito em obra bastante prestigiada (1987). Velho afirma que podemos pensar a cultura de um povo como um campo relativamente flexível de possibilidades de ações, representações e sentidos sociais. Toda cultura, portanto, poderia ser vista como um "campo de possibilidades" que, no entanto, abrigaria - e isso, principalmente, nas condições de heterogeneidade da "organização da produção" e das "representações do mundo social" encontradas nos meios urbanos contemporâneos - dentro de si *sub-culturas* diversas, que seriam como que especializações locais do campo maior. Estas não seriam formações culturais distintas, visto que ainda compartilham elementos simbólicos básicos com a cultura maior, mas se caracterizariam pela produção de um arcabouço semântico próprio dentro do quadro cultural mais abrangente em que estariam inseridas.

O homem urbano se caracterizaria pela possibilidade, ou a necessidade, de vagar por vários desses campos em seu dia a dia. É justamente um pouco disso que eu afirmo poder encontrar constantemente na "praiazinha" que estudo, sendo que, muitas vezes, a zona de contato entre as *linguagens* de certos atores chega a ser tão minimamente convergente em algumas situações (pessoas que, literalmente, não falam a mesma língua!) que gera o que Velho e outros autores, como o francês Georges Balandier, tem entendido como "estados de crise":

A modernidade subverte tanto a relação aos objetos, aos instrumentos quanto os sistemas de valores e ajustes, os códigos e os dispositivos inconscientes que regem o cotidiano. Ela banaliza a irrupção do novo, engendra continuamente situações mal identificadas, logo pouco controláveis, o que a associa aos estados de crise, à ameaça e ao mal-estar (BALANDIER : 1997 : 16).

3.2 - Da ordenação aparente à desordem intransigente: uma proposta de exposição

Uma questão comum quando se trata da teoria antropológica contemporânea, algo que perpassa as elucubrações intelectuais - seja dos pós-modernistas americanos, seja dos neo-estruturalistas franceses, seja em qualquer desses outros -ismos em que se insiste - é a

preocupação reiterada com os objetos, métodos e perspectivas para a antropologia na "contemporaneidade". Uma infinidade de material tem sido publicado sobre essa temática recentemente, todos os grandes ícones da disciplina se manifestam, trabalhos e mais trabalhos são precedidos por enormes intróitos onde se discute ostensivamente questões teóricas aparentemente bastante profundas, mas muitas vezes de difícil compreensão.

Para este trabalho importa-me uma questão sempre presente dentro dessa interminável discussão, a questão da *ordem* e da *desordem*, da *estrutura* e da *ação*, da *memória* e do *dever* como dimensões constitutivas dos processos dinâmicos de produção cultural que nós, cientistas sociais, procuramos compreender. Não se constitui minha intenção, obviamente, dissertar acerca de questões como estas, que estão na própria essência da discussão de antropólogos prestigiados há tempos. Gostaria apenas de partir dessa dicotomia fundamental para organizar minha exposição acerca do espaço etnográfico que constitui Canoa Quebrada. Isto porque este espaço pode ser lido como o resultante incerto do jogo duro de queda de braço entre as forças ordenadoras das estruturas sociais e simbólicas que surgiam ali e as forças desestruturantes das "resistências", ou seja, da ação social que pratica o espaço resignificando-lhe constantemente.

Nesse exercício de exposição bipartida, começarei expondo um pouco as forças ordenadoras do espaço para depois tratar da "ação" ou da "desordem" nas práticas vivenciadas. Adianto, porém, que meu texto não pretende posicionar-se de lado algum nas rixas que surgem acerca desse problema fundamental que é o da importância relativa de um e outro desses pólos (estrutura versus ação, por exemplo). Nem mesmo tenho opinião formada sobre o tema; a intenção aqui é, simples e unicamente, expor um pouco de cada uma dessas importantes dimensões estudadas em sociologia, tentando não incorrer na parcialidade de tratar apenas de um desses lados, dos estruturantes macrossociais aos pequenos eventos microssociais que ordenam, desordenam e reordenam o mundo social.

Diversos autores e escolas sociológicas trataram do mundo social partindo da organização estrutural do mesmo, como o funcionalismo e, claro, o estruturalismo. Gostaria, no entanto, de trabalhar com essa dimensão do espaço canoense partindo da compreensão mais contemporânea de estrutura enquanto estrutura semântica, ou seja, a dos conjuntos de símbolos estabelecidos. Busco respaldo em Augé (1997), que indica em poucas linhas o que quero entender por espaço estruturado:

O espaço da antropologia é necessariamente histórico já que é precisamente um espaço dominado por grupos humanos, ou seja, um espaço simbolizado. Tal simbolização que é fato em todas as sociedades humanas, visa a tornar legível a todos aqueles que freqüentam um mesmo espaço um certo numero de esquemas organizadores, de referencias ideológicas e intelectuais que ordenam o social (ibidem: 14).

3.3 - O ordenamento hierárquico do espaço social de Canoa Quebrada

Já disse anteriormente que a década de 1990 constituiu um momento de grandes transformações na organização de uma estrutura de receptivo turístico para a vila que, de forma cada vez mais "consensual", se voltava para essa atividade como principal fonte de renda. As formas como isso foi se realizando foram as mais distintas, todas com especificidades e particularidades, porém creio que se pode pensar em três fontes primordiais de modificações espaciais: as interferências governamentais, aquelas que foram fruto do trabalho de organizações comunitárias que surgiram em meados da década de 1980, e as transformações mais gerais e diversificadas, frutos do investimento privado. Certamente que a realidade social não se constrói em compartimentos, como, talvez, meu discurso possa dar a entender. Esclareça-se, então, que as três fontes modificadoras que, por motivos de ordenamento textual, distinguirei adiante, mesclaram-se em nuances e interações muitas, o que qualquer observador mais acurado em contato com o local poderia constatar.

3.3.1. Investimentos privados e modificações espaciais

Considere-se, primeiro, os investimentos privados. Nas muitas narrativas que ouvi sobre o surgimento e as trajetórias (por vezes bastante intrincadas) de certos locais como barracas de praia e restaurantes, pude perceber que a diversidade de casos é enorme, com lugares passando de mão em mão diversas vezes, sendo modificados e remodelados arquitetonicamente, contudo, acho que duas formas básicas de investimento privado podem ser priorizadas:

1- Investimentos vindos de fora, com capitais e investidores provenientes de grandes cidades (de dentro ou de fora do país), que transferiram suas residências para a vila ou não,

e que geralmente criaram alguns dos maiores empreendimentos no local por investirem grandes reservas de capital e por freqüentemente deterem maior capacitação administrativa, organizativa e estética.

2- Investimentos de origem endógena, geralmente de menor porte, feitos por nativos da vila ou residentes antigos oriundos das proximidades, estimulados pela facilidade de acesso à terra que estes tinham num primeiro momento (nos poucos casos em que estes não lhas venderam precipitadamente).⁵

Exemplos do primeiro caso são muitos e, importante notar, cada vez mais freqüentes: desde que comecei a pesquisa, somente no curto trecho da rua principal onde se concentram a maior parte dos investimentos maiores, pude notar cerca de dez novos espaços desse tipo, dentre novas boates, bares, restaurantes e butiques de roupas. Em quase todas as maiores barracas de praia, em quase todos os maiores restaurantes, grandes pousadas, bares e boates noturnas encontramos exemplos disso. São empreendimentos tipicamente maiores, mais suntuosamente decorados e, certamente, alguns dos que cobram os maiores preços. Um bom exemplo, que pude acompanhar de perto, de investimento dessa espécie é o do "Bar Latino", boate ativada em 2004, bastante bem localizada ao centro da rua principal, montada por um senhor do norte Europeu que veio gastar suas economias aqui no Brasil. Certa vez conversava na praia com alguns colegas em tom bastante informal, quando este senhor e sua namorada (jovem brasileira) se juntaram a nós para alguns copos de cerveja. Lembro-me bem da situação de espanto que causou a todos quando falou de quanto estava gastando, (cerca de 2000 reais apenas de aluguel) e do maior espanto que causou ainda quando brincou: "Não faz mal, eu ligo pro meu banco, ha muito dinheiro lá, isso é pouco!".

Do segundo caso, porém, as ocorrências são mais esparsas e os empreendimentos mais simples e baratos. Trata-se, na verdade, de algumas exceções de nativos que perceberam a vantagem de resguardar seu quinhão de terra para garantir seu sustento futuro independentemente de trabalhar para terceiros. Acampeí várias vezes à sombra do cajueiro do enorme e agradável quintal de um desses "afortunados nativos". Com mais ou menos 40

⁵ Formas híbridas de investimento envolvendo capitais "nativos" com capitais exógenos são também muito comuns. É por este caminho que se poderá entender a permanência marcante dos "hippies" em Canoa, sendo a ligação matrimonial o vínculo típico unindo estes últimos à terra de seus cônjuges.

anos, dois filhos e uma jovem fortalezense como namorada, foram várias às vezes em que conversei com ele sobre como surgira seu pequeno negócio em casa, dois bons chalés que ele aluga por 50 a 100 reais a diária e que lhe garantem rendimento mensal médio, segundo o próprio, de 1500 a 2000 reais:

(...) foi logo em 88 eu tava voltando da Europa e vi que tava todo mundo querendo vir pra cá, comprando tudo, e todo mundo vendendo tudo que tinha para os gringos, pessoal loteando os lugares pra vender, eu fui esperto e resolvi cercar meu pedaço de terra...muito nativo aqui igual eu deu bobeira sabe, hoje não tem nada. Eu cerquei meu terreno de frente pro mar e pensei que pelo menos meu canto pra montar minha casa eu teria aqui. Daí fui construindo devagar, sabe, pintava uma grana aqui, outra ali, trabalhei na Europa um tempo, me casei com uma gaúcha e morei no Rio Grande do Sul um tempo. Fiz primeiro minha casinha, depois outro chalé que alugava e depois esse outro⁶.

Neste caso, evidencia-se a formação de uma hierarquia, mais ou menos rígida, que lança as cartas dessa constituição social dos espaços; o que não deixa de ser denunciado mesmo nas anunciações do senso comum, motivo pelo qual cada vez mais ouvimos falar que "Canoa esta sendo dominada pelos gringos, eles compraram tudo...!". Estrangeiros e brasileiros abastados de outras cidades adquiriram os maiores e melhores espaços dentro da vila, e fizeram nestes os mais rentáveis empreendimentos locais, sendo impossível negar a influência desse grupo no ordenamento espacial do local. Inclusive, constituíram a associação dos empreendedores que defende seus interesses, confundidos com as intenções da comunidade em muitos momentos\.

Um caso exemplar da influência e do poder do grupo dos maiores empreendedores de Canoa pode ser tirado de uma situação que observei de maneira muito próxima. Certa vez, quando voltava do campo de carona com um amigo de faculdade, morador de Fortaleza, fui surpreendido com sua narrativa comentando as motivações que o teriam levado à Vila. Dizia ter sido convidado por uma liderança da associação dos artesão da vila, para ajudá-la no projeto de regulamentação da atividade dos artesãos em Canoa, delimitando espaços para a exposição de trabalhos, instituindo taxações e cadastramento dos pretensos expositores. Segundo ele, a intenção dos difusores da idéia seria organizar a

⁶ Em Canoa as trajetórias de vida como a deste informante, que já tinha casado com uma francesa e uma gaúcha, não são nada surpreendentes, histórias como estas são em verdade bastante comuns, assim como as de

atividade, melhorando os espaços de exposição e avaliando a qualidade dos produtos de modo a evitar a “concorrência desleal dos informais que vêm ‘de fora’ para com os que expõem seus trabalhos na vila há tempos de maneira organizada”.

Na prática eu percebia que essa regulamentação iria de encontro aos interesses de grande parte dos artesãos que expunham em Canoa de maneira não regulamentada e cuja lógica de sobrevivência dependia dessa informalidade. Como demonstrarei adiante, o trabalho informal é constitutivo da rede de sociabilidades que liga trabalho e lazer nos espaços/cenários da vila.

3.3.2. Associações comunitárias e a "luta" pela conservação espacial.

Outra fonte de modificações significativas na ordem espacial da vila se deu com o surgimento dos trabalhos das organizações comunitárias, em especial aquelas que se originaram no contexto de lutas judiciais pela posse da terra (muito comuns a partir de 1986 - quando nasce a primeira dessas associações, a AME – Associação dos Moradores do Estevão). Tais organizações foram cruciais para a dinamização dos conflitos judiciais nos quais exigiram a criação da Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada (e para sua posterior expansão), no embate com os chamados "grileiros", responsáveis por diversas tentativas de lotear terrenos na área da vila (alguns, inclusive, onde moradores viviam há várias gerações), além da criação de espaços para organização coletiva da comunidade (como escolas, rádios comunitárias, ONGs) e de terem participado ativamente - como já afirmei anteriormente - da negociação em torno das obras de "requalificação" urbanística, verdadeiro marco do processo de "urbanização turistificadora" que pretendo esclarecer com este trabalho.

Outra importante realização destas organizações foi o estabelecimento e a manutenção de um espaço resguardado das demandas do mercado imobiliário que se infiltrou em grande parte da vila. Toda a chamada área do Estevão (que deu origem ao bairro de mesmo nome, ao sul do centro da vila e separado desta por apenas de 200 metros de dunas, que vão da antiga igreja católica da vila até o início das habitações locais), foi

crianças pequenas já bilíngües, que aprendem em casa a língua de seu pai ou sua mãe de fora, além da língua portuguesa.

delimitada para uso exclusivo dos moradores originários da vila e seus familiares, sendo a venda de lotes proibida nesse espaço e criação de grandes empreendimentos vetada. Os equipamentos urbanos trazidos para tal local foram sempre alvo de deliberação na associação dos moradores: toda fiação elétrica instalada no local é subterrânea e a pavimentação das ruas, prevista na requalificação, ficou restrita ao início do bairro. Ainda hoje o Estevão é identificado como área "nativa" de Canoa, reconhecido como bairro de pescadores, que, de fato, são sempre visíveis por lá.

Um elemento importante que percebi quando procurei entender mais a fundo a constituição dessas "organizações comunitárias" é o da forte integração de "não nativos" nas mesmas, inclusive, em posições de poder dentro desses quadros. Ainda que a noção de "comunidade" seja sempre evocada nas discussões, é importante relativizar a mesma para entender essa adição de "estrangeiros" nesses *corpus*. Dessa forma, a noção de comunidade superaria o vínculo puramente sanguíneo ou da naturalidade "nativa" e passa a se constituir por vínculos de lealdade em torno do interesse comum de resguardar o espaço e aqueles que realmente vivem "nele" - e, com a mercantilização do lugar que o turismo promove, aqueles que vivem "dele".

3.3.3. A noção de *pacificação* e o papel do Estado

Finalmente, é preciso considerar as contribuições governamentais ao quadro de transformações urbanísticas que me interessam e, neste aspecto, parece-me salutar "estranhar" sempre os acontecimentos que levam uma localidade, no breve espaço de duas décadas, a sair de uma condição "esquecida pela oficialidade", passando à categoria de "destino" primordial na estrutura de recepção turística no Estado do Ceará. No entanto, não é possível explicar as realizações deste outro "agente", o estado, sem incorer em reduções muitas, haja vista a complexidade do mesmo, suas diferentes orientações e interesses, nas diferentes épocas, nos sucessivos governos e quadros profissionais e ideológicos que encontramos. Nesse ponto, a contribuição da sociologia política de Norbert Elias (1994) me pareceu relevante, visto que, a maneira primordial como se pode entender a participação do Estado na organização social de Canoa é a perspectiva, bem próxima da de Elias, que compreende a ação do Estado como a de um agente "pacificador", ou seja, toma-se o

estado, em última instância, como mais um agente de um “processo civilizador” que se distende internacionalmente. É sob a luz desses novos conceitos que comecei a entender melhor as reformas de requalificação urbanística que ocorreram na vila ao longo do ano de 2003, pois na organização estética e funcional das mudanças que iam se fazendo pude perceber as proximidades que surgiam entre os espaços que nasciam e os centros de lazer urbanos, com sua ênfase em aspectos como a higiene, a iluminação e a própria estética, todos estes voltados para a criação de um “espaço pacificado de consumo”, inclusive, do próprio “consumo do lugar” de que falava Magnani (2002: 13) em passagem já citada. É a esse estado, compreendido como agente pacificador, que podemos atribuir importantes contribuições na modificação recente do espaço social em Canoa, o que, logicamente, precisamos entender mais profundamente, de acordo com os critérios sociológicos.

Procurando me ater, primeiramente, às realizações práticas do poder público que contribuíram para a formação atual do espaço social em questão, talvez interromperíamos nossa relação falando da luz elétrica, da rodovia de ligação, do posto de saúde, de duas escolas infantis, do sistema de fornecimento de água, da praça de entrada da vila, chegando até a reforma que é o centro desse estudo. No entanto, a força estruturadora desse estado vai muito além disso, o que pode ser percebido quando se atenta para os pormenores das modificações que sua infiltração “capilarizada” significou. Na verdade, creio que poderia reconstituir a própria interpretação histórica da vila pelo viés desse processo de “pacificação” e “mercantilização” dos espaços, que envolveu também, como na análise de Elias (1994), um adestramento dos corpos ali inscritos. Por esse caminho, encontram-se bons exemplos da força ordenadora desse Estado quando observamos como ele condiciona os comportamentos sanitários da população, invalidando práticas antigas, que vão desde o tipo das habitações utilizadas (me parece ser o estado, através de seu sistema de saúde pública o grande difusor da depreciação do valor da casa de taipa, evocando o argumento sanitário da prevenção à doença de Chagas), até as maneiras de lidar com a produção de lixo, e outros hábitos higiênicos. Mas esse adestramento vai também incluir o progressivo policiamento da vila, substituindo as organizações espontâneas da comunidade voltadas para vigilância⁷. Vai “adestrar” os comportamentos, também, no sentido de que legitima as

⁷ Eram comuns, antigamente, os linchamentos de “marginais” e os “acertos de conta”, quando os eventuais inimigos enfrentavam-se por motivos diversos.

formas contemporâneas de comércio (a chamada “mercantilização das relações” como descreveu Cirino), institui taxações, e, mais recentemente, re-elabora os espaços de vivência coletiva, como o centro comercial e as vias de circulação de veículos.

Mas é demasiado reducionista e pouco realista, atribuir exclusivamente ao estado esse papel de agente pacificador. Creio que esta "pacificação dos espaços" deve ser compreendida como pano de fundo primordial do "processo de turistificação" de que falam os especialistas e que percebemos em espaços como Canoa Quebrada. Mas tais processos só podem ser entendidos enquanto fatos sociais mais amplos, que envolvem e repercutem em todo o somatório dos sujeitos envolvidos nessa trama (desde os hippies, até os gringos, passando por interesses que partem dos próprios nativos, principalmente, quando entram em contato com as novidades trazidas pelos visitantes), compreendendo aí tanto o Estado, como as associações e os agentes individuais.

3.3.4. Outras estruturas: a contribuição primordial de Pierre Bourdieu.

Uma análise mais detalhada das recentes reformas de requalificação permite assinalar outras forças estruturantes que explicam a feição atual de Canoa Quebrada. De várias formas, as reformas modificaram a vida dos moradores, ainda que esta não fosse sua intenção primeira. Muito pelo contrário, por seu próprio traçado, a “requalificação” de Canoa deteve-se em melhorar as condições de tráfico, higiene, iluminação pública, e "qualidade estética", ao longo do "circuito turístico" principal da cidade. A pavimentação de ruas, a construção de ligações entre elas – como a enorme passarela que ergueram sobre as falésias anunciando a intenção de ligar as duas novas praças da cidade, mas ligando, de fato as pousadas da zona mais nobre da cidade a uma via de acesso à praia com vista privilegiada e locomoção facilitada, conforme fig. 5 em anexo 1 – o sistema de drenagem e de iluminação pública circunda, exatamente, as principais trajetórias dos turistas, que saem das pousadas, atravessam a rua principal e a praça que foi construída ao fim desta rua em seu caminho para a praia.

Essa constatação faz-se mais nítida quando se procura sair um pouco desse roteiro artificialmente pensado para ganhar os espaços onde a vida social e domiciliar da maioria dos moradores de Canoa verdadeiramente se desenrola: os "becos". Sendo bastante pequena

a vila, não se encontra dificuldade em ter acesso a um destes, que na verdade se localizam entre os espaços pavimentados na reforma. Será preciso subir apenas cem metros a partir da "internacional" Broadway – a rua principal transformada em praça ao longo de seu trecho mais "efervescente", onde foi impedida a passagem de carros e foram colocados bancos e postes de luz rebaixados, a areia foi coberta por pedra portuguesa salmão e branca, formando desenhos do símbolo da praia. Ver fig. 6 e 7 em anexos 1 – para que se verifique o descaso oficial com os lugares onde habita grande parte do povo da vila.

Nestes "becos" pode-se encontrar pequenos empoçamentos de esgoto a céu aberto, sub-habitações (ver fig. 8 em anexos 1), muita sujeira e entulhos; e o sistema de saneamento, pavimentação, iluminação, etc. não chega a esses locais. Isso, porém, não chega a ser contestado ou cobrado quando das discussões que se desenrolaram sobre as reformas feitas pelo conselho comunitário, como por exemplo, nas reuniões que ocorreram dentro do seminário denominado "*A Canoa Quebrada que nós queremos*", feita em 27 de setembro de 2003, com organização do Conselho Comunitário. Desde o início a "requalificação" era pensada para melhorar a estrutura de receptivo turístico "decadente" da vila, como já comentei. Convém, no entanto, estranhar esse fato da aceitação, tão imediata, de reforma tão - a primeira vista - "antipopular", no sentido descrito acima. Não se poderia dizer que isso se deve à falta de consciência ou organização popular, devido à forte participação das associações no processo.

Esse fato é significativo para corroborar a constatação de que hoje em dia existe um *consenso* em torno da idéia de que o turismo é o provedor econômico por excelência da comunidade local e, por isso mesmo, um "jogo a ser jogado" para usarmos a analogia de Wittgenstein (1994). Na adaptação sociológica feita por Bourdieu dessa idéia de *jogo* é que torna-se compreensível a aceitação tácita dos canoenses pelas *despesas* implicadas nas obras de requalificação⁸. Eram raras as reclamações com os transtornos provocados pela reforma: barulho, poeira, máquinas e homens passando a todo tempo, ruas que eram interditadas dificultando o acesso às casas e aos hotéis, etc. (ver fig. 9 e 10 em anexo 1). Todo jogo exige de seus participantes sacrifícios, visto que insere estes num *campo de lutas simbólicas* pelos "objetos de valor" *legitimados* e distintamente distribuídos. Seguindo a

⁸ Devo destacar a importância que a obra de Bourdieu (1994), por sua profundidade teórica e metodológica, teve na orientação deste trabalho de pesquisa.

analogia com as teorias de Bourdieu, imaginemos um *campo* internacionalizado dos espaços de recepção turística, onde o Brasil, de maneira geral, não se encontra em uma posição de destaque (Europa, sudeste asiático, EUA, México e América Central, são alguns dos exemplos de lugares considerados mais "atraentes", nesse sentido). Canoa Quebrada, principalmente por conta da maré estigmatizante das duas últimas décadas e da falta de planejamento e organização dos espaços que vinha comprometendo sua estrutura receptiva, estava, cada vez mais, "perdendo lugar" dentro da disputa regional por atração de turistas (que representam objeto de valor decisivo dentro do campo social imaginado). Lugares como Jericoacoara, Porto de Galinhas, Fortaleza, Recife, Salvador, dentre outras cidades litorâneas do nordeste, são todos concorrentes nesse campo bastante "acirrado". Por esse motivo, as reformas eram definidas como "necessárias" pela grande maioria dos sujeitos questionados ainda no início de minha pesquisa, principalmente num contexto onde a má fama da cidade já se espalhava e que o turismo familiar e "de qualidade" parecia estar-se reduzindo na vila.

Vejamos mais a fundo os significados da noção de *consenso* utilizada por Bourdieu para adentrarmos ainda mais nas implicações dessa aceitação tácita das reformas como elas se fizeram. Bourdieu (1994) propõe para a análise das formações discursivas que todo campo social produz sua gramática, seu receituário de valores, ideologias e regras a serem operadas pelos participantes desse jogo, *ortodoxos ou heterodoxos*. Consiste numa prática comum daqueles que querem ver transformadas as regras do jogo social em questão (os *heterodoxos*, portanto) o questionamento acerca dessa gramática fundamental. No entanto, Bourdieu assinala que, no ato mesmo de participar do jogo propriamente dito, já se reproduzem, ainda que inconscientemente, várias das condições de existência deste, como o consenso, nem sequer questionado, de que ele "vale a pena ser jogado", além de outras regras fundantes de tal jogo. Ora, a noção de heterodoxia fica, assim, relativizada, pois a função de reprodução da estrutura fixada divide-se, também, com os aparentes questionadores da ordem dada.

Transpondo essa idéia, mais uma vez, para meu objeto, tem-se aqui algo semelhante. Ainda que se possa ter percebido alguns tênues gritos de contestação vindo de moradores e visitantes que reclamavam que as ruas de terra eram mais naturais, ou fazendo críticas pontuais acerca de um ou outro detalhe das obras então em andamento, esses não

passavam de uma "heterodoxia relativa", nos moldes detalhados acima. Não se colocou em questão a fundamentação mesma de tudo aquilo: a proposição de que o turismo é a mola mestra da economia e da produção dos espaços naquele local. Falou-se em "turismo alternativo", mas não se deixou jamais de falar em turismo de uma forma ou de outra.

Essas constatações, em que insisti acima, servem agora para fundamentar outra idéia - onde, mais uma vez, foi fundamental a contribuição de Bourdieu - que permitiria atentar para a hierarquização acentuada que se origina num plano simbólico e se transpõe para a sociedade local. Considerando o acordo formado em torno da idéia de que o turismo seria a atividade prioritária em Canoa, verifica-se que as propriedades dessa instituição contemporânea passam a influenciar as características do ambiente em questão. Nasce assim a formação de um *mercado* particular, constituindo para os sujeitos nele envolvidos a necessidade de uma *competência* específica. Bourdieu (1994) aprofunda esses conceitos, nesse texto que embasou a minha percepção acerca das hierarquias que se formam nesse contexto. A sugestão de que se elabora um mercado específico em Canoa Quebrada contexto remete, mais uma vez, à noção de "campo", onde os atores sociais no interior da comunidade *concorrem* com suas *competências* relativas pelas posições sociais de destaque nesse contexto. Ora, como Bourdieu (1994: 179) vai demonstrar a partir da análise da formação da "competência lingüística", essa competência se adquire com o conjunto de *disposições permanentes* essa *história que virou natureza* que constitui o "hábitus" específico e *distintivo* de cada agente:

O discurso é um bem simbólico que pode receber valores muito diferentes segundo o mercado em que ele está colocado. A competência lingüística (como toda competência cultural) só funciona como capital lingüístico quando em relação com um certo mercado... (Bourdieu, 1994: 164).

Nesse mesmo artigo, Bourdieu (1994: 166) detalha os mecanismos da criação da dominação hierárquica:

Para que uma forma de linguagem se imponha entre as outras (...) como a única legítima, para que se exerça, em suma, o efeito de dominação reconhecida(...), é preciso que o mercado lingüístico esteja unificado e que os diferentes dialetos de classe ou de região se comparem praticamente a língua legítima. A integração numa mesma "comunidade legítima"(dotada de instrumentos de coerção necessários para impor o reconhecimento universal da língua dominante: escola gramáticos etc.) de grupos hierarquizados, animados por interesses diferentes, é a condição de instauração de relações de dominação lingüística.

Mais à frente, outra importante consideração:

Dito de outro modo, a competência dominante só funciona como capital lingüístico que assegura um lucro de distinção na sua relação com as outras competências na medida em que nos grupos que a detêm são capazes de impô-la como sendo a única legítima nos mercados lingüísticos legítimos (mercado escolar, administrativo, mundano etc.). As chances objetivas de lucro lingüístico dependem: a) do grau de unidade do mercado lingüístico, isto é, do grau em que as competências dos dominantes é reconhecida como legítima, como padrão do valor dos produtos lingüísticos; b) das chances diferenciais de acesso aos instrumentos de produção da competência legítima (isto é, as chances de incorporar o capital lingüístico objetivado) e aos lugares de expressão legítimos (Bourdieu, 1994: 168-169).

Adotando a lógica do autor francês, creio que é possível delinear uma compreensão profundamente aguçada e crítica da hierarquização da sociedade canoense. Ora, o turismo enquanto instituição que se legitimou como o tipo específico de "mercado" do lócus em questão, é uma prática coletiva que se resume basicamente na exploração da estética geral do lugar para atração e recepção de visitantes/consumidores globalmente. Para os moradores a atividade se torna lucrativa na medida em que fomenta todo um aparato de serviços para a melhor acomodação dos visitantes e os moradores começam a se beneficiar dessas práticas trabalhando no setor de serviços. Percebe-se que participar dos lucros dessas operações, porém, exige competências mínimas, ligadas à recepção dos visitantes, as quais são desigualmente distribuídas entre os participantes desse "mercado", o que cria uma desigualdade a partir do plano simbólico.

Mas quais seriam estas competências que, desigualmente distribuídas no espaço social delineado ordenam a formação de uma hierarquização difícil de se desconsiderar? Sendo que é justamente na busca pela atração de consumidores "de fora" que o turismo se caracteriza, torna-se condição do ato de "vender" o local para os visitantes o fato de falar e oferecer os produtos na língua dos turistas (entendendo-se língua aqui em sentido abrangente). O processo de pacificação de que falamos torna-se mais compreensível dessa forma; os espaços vão se modificando ao longo do tempo no cenário turístico de Canoa Quebrada para tornarem-se semanticamente mais compreensíveis para aqueles que vêm de fora. Nesse aspecto, encontra-se uma dimensão onde os interesses de todos aqueles agentes modificadores do espaço mencionados acima não discordam, e em que todos colaboram, mais ou menos conscientemente. Isso é corroborado pelas diversas falas coletadas, nas quais visitantes freqüentes elogiam as reformas, garantindo que Canoa tem ficado mais organizada (que significa mais "compreensível", para eles) ou que, atualmente, todos os

restaurantes têm cardápios em inglês (às vezes em francês, espanhol e alemão também); elementos que facilitam a integração de usuários não costumazes dos espaços locais.

No plano individual, para aqueles que se propõem a trabalhar com esses usuários dentro da comunidade, exige-se um adestramento/refinamento dos modos e gostos de acordo com os padrões dos consumidores de fora. Logo, para aqueles que advêm dos grandes centros, e que, portanto, compartilham dos instrumentos lingüísticos da vida nas grandes cidades, torna-se substancialmente mais fácil adaptar-se nesse contexto, porque, tendo em vista que qualquer empreendimento montado dentro desse cenário reproduz-se negociando com os visitantes em grande parte provenientes das classes altas das grandes cidades, exige-se desses empreendimentos e de seus difusores, que se fale à língua de quem deve "comprá-los". Bourdieu explica que o *habitus* dos dominantes mantêm-se como patrimônio destes por conta da "familiarização precoce" com que, desde a infância, estabelece a formação de uma "performance legítima" dominadora caracterizada pela "suprema proeza lingüística: manter o desembaraço no perigo, o relaxamento na tensão". (Bourdieu, 1994: 176). E, da mesma forma, aqueles que vêm da cidade, e, ainda mais, os que vêm de classes sociais mais altas nesses centros urbanos, estão mais familiarizados com a *competência distintiva* que se torna norma nessa indústria de recepção turística.

Os ambientes esteticamente elaborados, bastante iluminados e higienizados, ainda que simulando uma rusticidade mercantilizada, proliferam, dessa forma, como espaços "pacificados" para os turistas acostumados com a sociedade de consumo dos lugares de onde vem.

A noção de "qualidade" do turismo torna-se mais compreensível dessa forma, porque, em bom português, quer dizer turismo mais rentável economicamente, justamente porque é mais "eficaz" em atrair o turista mais abastado. Ora, quando se constata que o turista que se visa atrair preferencialmente é o das classes mais altas das grandes cidades, compreende-se o objetivo da elaboração dos espaços/cenários da Canoa "requalificada", além de se identificar o hábitus que tende a ser a *competência legítima* nesses espaços: um *habitus* mais e mais próximo do requinte dos espaços privilegiados de consumo urbanos e longe da rusticidade dos pescadores e "rastafaris" da região.

Assim, ficam claros os fundamentos da produção da desigualdade simbólica que hierarquiza o *campo social* em questão e que está na origem da distribuição desigual das

posições de valor negociadas nesse contexto. Na prática, verifica-se essa hierarquia quando se atenta para a evidência de que os maiores empreendimentos da vila estão na mão daqueles que mais dominam as *competências legítimas* das grandes cidades, exatamente por terem vindo destas: imigrantes provenientes de grandes cidades do país ou de fora dele. Além disso, no que tange às profissões intermediárias, aqueles que trabalham vendendo sua força de trabalho para os donos desses empreendimentos, desde gerentes a garçons, músicos, vendedores, etc. principalmente naqueles trabalhos onde se verifica a necessidade de melhor qualificação ou direto atendimento ao público, é grande o interesse na contratação de pessoas “de fora” em conversas com alguns dos empresários da localidade, esta constatação torna-se visível.

Poderia exemplificar essas proposições recorrendo, mais uma vez, a experiências que acompanhei em campo. Um caso que me pareceu de uma significância ímpar aconteceu quando eu comprava meu café da manhã numa padaria da vila. Quando me dirigi ao balcão para pedir meu pão, percebi que uma senhora de idade, conhecida minha da vila, fazia o mesmo e cedi-lhe à frente. A atendente, garota de seus 20 anos e também moradora da vila, voltou às costas para atender o pedido da senhora (“10 pães, bem molinhos”), demorando alguns momentos para vestir metodicamente as luvas que fora instruída pela dona da padaria (mineira também conhecida minha) a sempre usar antes de pegar nos pães. Quando se voltou novamente para o balcão deparou-se, visivelmente chocada e sem saber o que fazer, com a senhora que revirava com as mãos um a um os pães escolhendo melhor aqueles que mais a apraziam. Eu, que observava, também estranhei a atitude da senhora e achei bastante engraçada a cara de espanto da atendente.

A senhora, acostumada com padrões higiênicos distintos do digamos, “urbano ocidental”, parecia agir normalmente e nem se apercebia do constrangimento que causava para a atendente e os outros clientes. Meu *habitus* citadino fez a “quebra de etiqueta” da mulher ser percebida por mim como estranha e anti-higiênica, assim como o treinamento da atendente fê-la perceber dessa forma – como estampava a reação facial desta atendente.

Pois bem, a senhora se foi e chegou a minha vez, pedi 100 gramas de presunto, que a garota atendente devidamente pegou com suas luvas e colocou na balança para pesar. Foi então a sua vez de se enrolar com a modernidade: não conseguia operar corretamente a balança eletrônica. Eu, que nunca tinha mexido diretamente com uma daquelas balanças

acabei ensinando-lhe a fazê-lo, finalmente conseguindo sair da padaria com meu café da manhã e um monte de coisas pra pensar.

Nessa segunda passagem, pode-se perceber que na própria relação com as técnicas da contemporaneidade, uma desigualdade nas competências instauradas pode fazer-se elemento de *distinção* em contextos como estes. Em nível teórico, trata-se aqui de uma zona de contato entre uma "cultura global" (ou que ao menos vem estendendo-se internacionalmente) e uma cultura local, possuidora de normas e procedimentos, alguns dos quais vão ficando defasados na medida que as pessoas aceitam a necessidade de adaptar-se à "cultura global" - normalmente visando atrair mais dos recursos e bens dela para si - e que precisam, portanto, "aprender a lidar" com seus novos procedimentos, técnicas e valores.

Exemplos como estes, que poderiam se multiplicar com outras narrativas colhidas ao longo de minha pesquisa, conduzem a um questionamento importante: se se fala em *pacificação*, é preciso questionar "pra quem" esse processo "pacifica", o que leva a uma relativização do conceito de *pacificação*. Certamente que para o simples pescador acostumado apenas com sua atividade extrativista e com os modos de ser de seu povoado antigo, essa pacificação inexistente; pelo contrario, ele se vê lançado num mundo novo onde as trocas simbólicas se fazem em planos menos compreensíveis. Dessa forma, chega-se a abordar uma problemática que parece insolúvel, mesmo porque poucos realmente parecem querer "soluciona-la" (além de alguns de nós antropólogos, sempre tão saudosistas como somos). Como já constatava Lévi-Strauss de maneira tão realista: "(...) o que os países 'insuficientemente desenvolvidos' censuram aos outros nas assembléias internacionais, não é que os estejam ocidentalizando, mas de não lhes darem, com bastante rapidez, os meios de se ocidentalizarem" (1989: 349-350).

De uma ou outra forma, todos esses agentes e fatores de que falei (e talvez ainda muitos outros que não pude perceber) contribuíram nessa formação de um *cenário turístico* para a vila de Canoa Quebrada e as reformas de requalificação seriam um último corolário desse processo. No entanto, para entender de fato a lógica de utilização de um espaço é preciso entendê-lo sendo praticado, ou seja, sendo vivenciado pelos atores que o constituem. Na prática cotidiana, na ação simbólica é que se percebe o movimento e o risco que circundam as estruturas, pensadas e impensadas, que virão imprimir algum tipo de ordem na dinâmica social. Nos termos da professora Gloria Diógenes, que além de

intelectual é freqüente visitante da praia turística em questão, seria justamente para esta dimensão da “prática” que eu deveria voltar-me prioritariamente para compreender Canoa, espaço do “uso” e do “estrategismo” por excelência⁹.

3.4 O espaço das práticas em Canoa Quebrada:

Nos trabalhos de Sahlins desde a década de 70 a noção de *estrutura* se vê confrontada pela noção de *ação*. Para ele, que definiu cultura em trabalho mais recente como "a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos". (Sahlins, 1997: 41) a *ação* põe em risco a *estrutura*, visto que aquela só se efetiva por um processo de reavaliação permanente das significações dadas à realidade. Em artigo publicado pela revista *Mana*, Sahlins (1997) vai discutir extensamente a questão da expansão do projeto de civilização europeu, demonstrando como uma revigorada concepção de cultura tem permitido aos povos "dependentes" se livrar da passividade e se contrapor, a partir da própria tradição, à dominação ocidental em múltiplas formas de "resistência" que, segundo ele, começam a ter reconhecida sua importância pela antropologia contemporânea. Nas palavras do autor:

Como as imposições do imperialismo não são de fato capazes de constituir uma existência humana, e como a consciência e a capacidade dos povos vitimados de forjar significados permanece intacta, o industrialismo colonial não consegue forçá-los a 'internalizar' seus próprios pressupostos sobre a natureza humana. (...) Ao invés da Grande Narrativa da dominação ocidental, portanto, um outro modo de lidar com a constatação antropológica usual de que os outros povos não são tão facilmente deculturados seria reconhecer o desenvolvimento simultâneo de uma integração global e de uma diferenciação local (Sahlins, 1997: 57).

Em um outro de seus trabalhos mais antigos, Sahlins (1990) trata desses assuntos quando aborda as denominadas “situações de contato cultural”, para demonstrar como uma resignificação ativa dos "esquemas culturais" tradicionais e dos esquemas dos colonizadores nunca deixa de estar presente nas estratégias dos chamados “nativos”.

É nesse sentido que o que tratamos até agora precisa desse complemento existencial que se alcança ao adentrar mais fundo nas práticas do cotidiano no campo de pesquisa; afinal, Canoa Quebrada não se modela apenas ao sabor das forças estruturantes, por que, também lá, como em todo o universo social, há *acontecimento* e *devir*. Diante da

⁹ Comunicação pessoal, em novembro de 2004.

"complexidade" do ambiente pesquisado, optei por discorrer livremente acerca das atividades que figuram mais intensamente ao longo do cenário turístico que constituiu nosso recorte ao longo deste trabalho. Porém, com o objetivo de alcançar os usos não pensados deste espaço, permiti-me desviar, também, pelos interstícios desse roteiro, onde práticas diferentes, mas também constitutivas dessa realidade social abrangente, aconteciam com mais frequência.

3.4.1. Durante o dia...

Durante o dia é como se, junto com as luzes e as músicas que preenchem a noite e a madrugada canoense, a vida na vila fosse desligada, pelo menos no centro de sua efervescência que acontece na rua principal (Broadway). Se estivermos na temporada de férias, ou num fim de semana qualquer, o tímido movimento das ruas pela manhã é praticamente constituído das primeiras padarias e mercadinhos que começam a abrir entre 7 e 8 horas.

Outra coisa que acontece ainda cedo é a limpeza da rua principal, que amanhece muito suja em consequência da farra noturna habitual das épocas movimentadas. Para os pescadores, porém, o dia pode já ter começado faz tempo, ainda as 4 ou 5 horas da madrugada, quando ajeitam seus barcos no mar, mas este é um movimento quase invisível para quem não participa efetivamente do mesmo. Além de trazer frutos do mar pra suas casas e de levar algum excedente para os restaurantes da vila que pagam melhor, a pesca é uma atividade em decadência em Canoa Quebrada. Os barcos são cada vez menos - muitos deles voltados para passeios turísticos - quase todo o peixe fornecido na cidade provem de cidades pesqueiras próximas como Fortim e, principalmente, Majorlândia. Às vezes, quando chegam à praia depois de uma boa pescaria, os pescadores são envolvidos por uma pequena multidão de curiosos turistas, rendendo fotos, admiração e eventuais negócios, numa espetacularização da atividade que se torna atração nesse contexto.

Mas existe ainda um outro evento tipicamente canoense que faz ouvir seu burburinho ainda às 5 ou 6 da manhã por entre os becos da parte de cima da cidade: a tapioca da "tia" que é talvez o último lugar que serve refeições realmente "rústico" da vila. Num daqueles bequinhos sujos, o odor do café passado e da tapioca na chapa do fogão a

lenha atraem turistas e moradores para um banquete matinal a preços módicos e num clima de proximidade tocante. A "tia" serve as pessoas em sua casa, com mesinhas e cadeiras improvisadas e em meio às lenhas do fogão e outras "tranqueiras" do lar. A tapioca matinal é roteiro freqüente para aqueles que tentam continuar fazendo aquilo que se torna cada vez mais difícil em Canoa - mas que antes era comum, segundo narram os que primeiros emigraram para lá - que é sobreviver com pouco dinheiro. Além disso, a história contada pela "tia" é significativa: ela diz que costumava fazer tapioca e café para seus familiares que "saíam pro mar" bem cedo, às vezes de madrugada. Com o tempo se tornou freqüente aparecerem visitantes por lá (com ressaca ou, simplesmente, famintos depois das festas) para os quais ela sempre dava um pouco de café com tapioca ou com bolo que também eram apreciados pelos vizinhos e conhecidos da "tia". Com o crescimento do turismo, ela percebeu a oportunidade de vender seu café da manhã visto a popularidade que o mesmo já tinha.

Assim, sem nenhum registro, pagamento de tributo ou regulamentação sanitária, na base da pura informalidade, muita coisa sobrevive em Canoa e faz parte das estratégias "delinqüentes" (para usar a categoria de Certeau) de vida de seus moradores. Certeau (1996) lida com a noção de "espaço praticado" para procurar se deter numa compreensão do mundo social enquanto espaço simbolizado que só se completa na efetiva realização prática de seus usuários. Acontece que, como o autor vai demonstrar, esse espaço nem sempre ganha na prática cotidiana de seus atores sociais os sentidos planejados por seus idealizadores; a suprema criatividade dos usuários subverte os sentidos idealizados e usos "delinqüentes" desses lugares sempre acabam surgindo. Delinqüente, na terminologia de Certeau, significa aquele que subverte a trajetória demarcada, os sentidos planejados, numa metáfora espacial que necessariamente nada tem de estigmatizante. Canoa é rica em "delinqüência" nesse sentido, de espaços cujo uso vai muito além do imaginado pelos planejadores e de estratégias de vida que se erigem em detrimento de normas que só se formulam no papel para aqueles que vivem na vila.

Nas ruas da vila, portanto, o parco movimento dos transeuntes é ainda marcante até as onze horas da manhã, quando os restaurantes e as lojas começam a acordar. Na praia, apenas uma ou outra barraca começa a abrir às 9 horas, a maioria delas faz isso às dez e a barraca do reggae, por ser freqüentada maciçamente por jovens, só abre mesmo às onze

horas. Durante o dia é na praia que a vida social de Canoa “acontece” mais “intensamente”. A grande maioria dos turistas vem à praia tomar sol ou se servir do mar e da brisa numa das 20 barracas de praia da vila. Entre estas, há diferenças significativas quanto ao porte do empreendimento e a qualidade dos serviços oferecidos. Algumas são bem simples, propriedade de nativos que servem comida simples à base de peixe e frutos do mar, pasteis caseiros fritos na hora, cerveja gelada, água de coco, etc. Outras são bem maiores e contam com infra estrutura enorme, com dois andares, serviço de música ao vivo, culinária mais refinada, ainda que em geral também à base de frutos do mar e com vários garçons a serviço dos clientes(Ver fig. 12 e 13 em anexos 1).

Na praia, os serviços oferecidos são, principalmente, passeios de bugre (aliás oferecidos em todo canto, pois é uma das atividades mais procuradas e rentáveis para a economia da vila), passeio de barco e o curso, que não sai por menos de 50 reais por hora de aula, de kitesurf (modalidade de esporte que mistura surf com paraglider, criado recentemente e que encontra em Canoa ótimas condições ecológicas para sua prática devido ao excesso de vento e ao mar calmo - razão por que a vila tem sido bastante procurada por praticantes do mundo todo). Desde o início de 2005, também estão sempre presentes as barraquinhas de massagem onde a módicos 20 reais os clientes recebem 50 minutos de massagem. Além das atividades descritas, várias outras constituem a cena da praia em Canoa: a prática de futebol de areia, vôlei, frescobol, surf; garotos que soltam pipa e brincam com mini barcos à vela, ou fazem castelos na areia; pessoas que tentam relaxar das mais variadas maneiras; consumo de álcool e de maconha; flertes que sempre acontecem, etc. Trata-se de um ambiente vivo, onde as pessoas se descontraem e travam amizades facilmente.

A superexposição dos corpos nesse ambiente é de uma sensualidade que não pode passar despercebida. Como não é segredo a ninguém, essa sensualidade "bronzada" é mais um dos elementos que atraem turistas, principalmente estrangeiros. E de fato não só nativos, mas grande parte das pessoas ali jogam com isso, como se faz em qualquer cidade de praia dentre aqueles que apreciam essa dimensão do "mostrar o que se tem". Os corpos são modelados, seja nas academias (Canoa já conta com uma no centro), seja, no caso de pescadores, no trabalho braçal cotidiano, seja na prática de esportes outros, nas corridas na praia, ao que se adicionam boas doses de bronzeamento e um esforço, que chega a se tornar

hábitus, por cultivar a boa postura em biquínis e calções ajustados às qualidades físicas de cada um. Desde jovens os "canoenses" (significando todos aqueles que moram em Canoa) são habituados a ir a praia com seus parentes ou amigos e dentre estes a concorrência pela beleza é acirrada. Esse contexto da praia que superexpõe com tanta naturalidade corpos *seminus*, faz com que os jovens logo adaptem sua postura corporal à sensualidade do contexto e é possível reparar o esforço, inclusive físico, que meninos e meninas fazem para modelar seus corpos às demandas do meio - dentre as garotas um esforço por manter bumbuns empinados e dentre os homens por estufar os peitorais (presenciei diversas vezes a cobrança dos parentes para que as crianças cultivassem essa boa postura, e a sociedade como um todo acirra isso realizando de tempos em tempos concursos de beleza entre os jovens e crianças).

Num típico fim de semana cheio em Canoa, a heterogeneidade de atores é grande na praia. Encontram-se trabalhadores modestamente vestidos, ocupados no comércio de lanches. Levam nas mãos bandejas com camarão, lagosta, queijo assado, melancia, castanha de caju, bolos e doces; vendem pastéis em barraquinhas simples de madeira; expõem artesanato de variados tipos; comercializam passeios de barco, ou simplesmente se agrupam nas sombras das barracas mais simples para tomar cerveja e descontrair conversando com os amigos. Pode-se esbarrar também com grupos de jovens moradores(as) interagindo com seus conhecidos, da vila ou "de fora", normalmente na barraca do reggae. Outro grupo sempre presente são os dos visitantes freqüentes das cidades próximas. Estes normalmente vem para as festas de noite, mas também gostam de vir à praia de Canoa que é mais movimentada e "mais chique", como definiu uma informante desse grupo certa feita.

Em certo sentido, a praia é dubiamente simbolizada; de um lado possui a significação de um "lugar de trabalho", com trajetos e núcleos de atividade bem constituídos para e por aqueles que dia após dia tiram dali seu sustento, seja trabalhando nas barracas (servindo, fazendo comida, contabilizando), seja "mangueando" (importante categoria nativa que detalharemos mais adiante) os turistas, vendendo passeios, etc. Por outro lado, porém, essa mesma praia é *encenada e representada* como "lugar de lazer", verdadeiro paraíso constituído para a melhor acomodação e entretenimento dos turistas. No trajeto dos que trabalham, uma tênue mas significativa rotinização dos afazeres é visível

naqueles que trabalham nas barracas, principalmente nas maiores que operam em formas mais disciplinadas e onde alguns funcionários comentam que existem horários rígidos a ser cumpridos e uma certa cobrança por rapidez, tanto da parte dos clientes quanto de seus superiores.

No entanto, é no nível da informalidade que a grande maioria dos trabalhadores vivencia seu trabalho ali, porque é dessa forma que vendedores e artesãos praticam seu espaço e seu dia a dia. A expressão "manguear", categoria nativa muito usada pelos hippies, inicialmente, mas que tomou conta do vocabulário local, expressa muito bem como se vivencia a prática da venda informal na praia. "Manguear" quer dizer "sair para expor o trabalho", oferecer, convencer, enrolar, empurrar, dialogar com o possível comprador procurando o melhor negócio possível com este. Exige do vendedor muita "ginga", "lábria", simpatia e marketing: "muitas vezes o produto é o mesmo, mas o que sabe manguear vende bem mais" conta uma jovem amiga que já trabalhou vendendo de tudo na praia. Visto de perto, torna-se quase um jogo (do qual já participei em todas as posições, vendendo trabalhos de amigos, comprando adereços ou guloseimas, importunando e sendo importunado; mas, também, travando novas amizades), que às vezes pode chatear bastante o desinteressado alvo, mas que aproxima de tal modo seus agentes que muitas vezes termina num bom papo amigo, com o vendedor se sentando junto ao ex-comprador e "rachando a cervejinha" que anima e refresca o dia de ambos. Quem "mangueia" em Canoa não é mais só o hippie, é todo mundo um pouco, o garoto que leva um grupo de turistas para a barraca do Paulinho e "mangueia" deste o almoço do dia, aquele que barateia seu pastel de arraia "levando a tia no papo", etc. Pechinchar, chorar, "desenrolar" (mais usado), são termos próximos - que acabam remetendo à clássica idéia da malandragem brasileira - para essa sabedoria prática e praticada que envolve o espaço da praia, mas não só este, com uma informalidade gozada pelos que a vivenciam.

Nos fins de tarde é comum ver ainda duas ou três barraquinhas abertas - o sol já se pondo, os turistas em sua maioria já subiram para ver o por do sol nas dunas ou descansam em suas moradas temporárias - ficando por ali muitos dos vendedores e trabalhadores da praia, descansando de seu expediente, bebendo ou comendo tira-gostos com uma parte de seus lucros, papeando com os colegas de sempre e com os inusitados - mas sempre presentes - visitantes das mais variadas partes do país e do mundo.

Mas se defini o trabalho em sua maioria como informal e pessoalizado e a exposição dos corpos como um jogo de sensualidades, ainda faltaria falar da animação que envolve isso tudo para expressar o "clima" que perpassa a vida social em Canoa. O espírito animado e descontraído é geral nesse espaço. Está nos turistas que curtem seus dias ali com toda a intensidade daquele que merece seu tempo de lazer depois de meses de trabalho, mas está também, de maneira marcante, na expressão dos que moram ali. Tomo aqui a contribuição da tese de doutoramento de Elisabeth Cristina de Andrade Lima (2002), onde a autora desenvolve a idéia de "invenção da cultura", tratando do fato de que os agentes investem na elaboração de eventos e práticas culturais diversas quando assim interessados. A instituição imaginária de Canoa Quebrada como espaço de lazer, de liberdade e alegria passa por investimentos dessa estirpe, bem como, no estudo de caso feito por Lima, a festa de São João de Campina Grande. Na conclusão de seu texto Lima propõe que a festa

... é uma invenção da tradição, porque cria o fenômeno e o espetáculo da festa junina no espaço urbano, amparada na tríade: festa-povo-cidade; e é uma apropriação da tradição enquanto práticas e discursos que permitem a leitura do evento como um campo aberto a intencionalidades: nos campos econômico, político, social e cultural (Lima, 2002: 255).

É também por seu espírito jovial que Canoa atrai tantos turistas e não deixa de haver alguma intencionalidade em reproduzir isso em seus moradores. Em Canoa se eventualizam e, às vezes, até ritualizam acontecimentos cotidianos como fenômenos da natureza (o por do sol que leva pequenas multidões às dunas acima da vila, a lua cheia comemorada com luis na praia, etc.) e diversas festividades que são vividas como verdadeiros eventos pela empolgação que as pessoas lhes acrescentam (regatas, eventos esportivos, desfiles, apresentações musicais, etc.). Depois das reformas de requalificação urbana, um novo vigor parece ter sido adicionado à programação de eventos, com o aumento do turismo familiar. A associação dos empreendedores (grupo dos donos dos maiores restaurantes, pousadas, butiques e bares na vila) tomou a dianteira e passou a organizar e divulgar, com apoio do conselho comunitário, uma série de "eventos culturais" no espaço reservado para a biblioteca pública, bem no meio da Broadway (concertos de música instrumental, exibição de filmes, grupos de dança, etc.) em projeto chamado "Canoa Gentil". A presença cada vez maior da mídia regional, nacional e até internacional na localidade também acentua os esforços e investimentos nessa imagética da alegria e da animação, o que pude constatar,

por exemplo, acompanhando as filmagens de uma equipe da Globo para o carnaval de 2004 que faziam as pessoas agitarem-se mais sempre que se aproximavam das câmeras.

Quando o sol começa a baixar, as pessoas, em sua maioria, vão deixando a praia. A próxima atração habitual é o por do sol nas dunas, já referido, e embora não seja tão freqüentada como a praia essa atração tem sempre, principalmente na temporada turística, seus espectadores. Mas é também enquanto o sol se põe que começa a ser preparado o mais importante cenário do novo roteiro turístico da vila: o cenário da rua principal durante a noite. As luzes, as cores, o brilho, os cheiros, os sons e o clima desses momentos encantam a maioria dos turistas. A iluminação é branda e amarelada, dando ao lugar um clima rural que contrasta com a multiplicidade de pessoas, produtos e lugares de consumo. A evocação do rústico que perpassa a decoração da maioria dos ambientes, num simulacro que não deixa de ser atraente, fez com que eu cunhasse a expressão *rustique-sofistiqué* para dar uma idéia dos ambientes que se criam, misturando essa simulação do rústico com a "sofisticação" dos cardápios e do atendimento (ver fig. 14 em anexo 1). As opções em termos de alimentação, aliás, são muitas e para os variados bolsos. Pipoca, milho assado, sanduíches e cachorros quentes, bolos, caldos de legumes ou carnes, churrasquinho no espeto, tapioca e pasteis são opções para os menos endinheirados, normalmente vendidos nas ruas em barracas e carrinhos improvisados ou em pequenas lanchonetes de nativos. Para aqueles com maior poder de compra, massas, saladas, carnes, frutos do mar, culinária especializada de outros países e, inclusive, opções naturalistas e vegetarianas são possíveis. As opções mais baratas custam entre 1 e 4 reais enquanto que os pratos em restaurantes custam entre 10 e 70 reais (ver fig. 15 em anexo 1).

Na rua as pessoas andam mais arrumadas e o caminhar é lento, quase contemplativo, o que, nesse sentido, lembra um shopping citadino. Os sujeitos e grupos sociais ali são diversos. Percebe-se que depois da reforma o turismo familiar aumentou bastante, mas há turistas de todos tipos e procedências. Os grupos mais freqüentes são os estrangeiros (principalmente italianos, portugueses, espanhóis e franceses), e os visitantes das cidades do entorno, tanto do Ceará como do Rio Grande do Norte, com destaque para Fortaleza, Mossoró e Russas. Dentro desses grupos, encontram-se indivíduos que vêm sempre ao lugar e que se dizem apaixonados pelas atrações da vilazinha.

Para além dos turistas, porém, temos na Broadway muitos trabalhadores, seja no mercado informal, seja nos restaurantes, bares e lojas maiores. Dentro do mercado informal, o nomadismo dos atores espanta os olhos menos acostumados: são pessoas que vêm de toda a América Latina, ficando por lá algum tempo expondo seus trabalhos e seguindo adiante, num fluxo constante. Fenômeno interessante, também nesse sentido, é o dos jovens principalmente de Fortaleza, que nas épocas de maior visitação v o para Canoa explorar esse mercado oferecendo seus trabalhos de artesanato ou procurando emprego no comércio da vila. Também são comuns os músicos e os que vêm pra trabalhar vendendo sanduíches e outros alimentos na praia, sendo muito comum que estes resolvam ficar em Canoa por mais tempo do que o previsto inicialmente, segundo eles, para fugir de seu cotidiano urbano. Todos esses atores d o uma demonstra o incrível de estrategismo, quando se viram para permanecer em locais como Canoa, cada vez mais voltados para receber turistas com maior poder aquisitivo.

Fiz vários amigos que chegaram a Canoa nessas condi es e, por diversas vezes, pude ouvi-los explicar que ficando por lá eles conseguiam associar a necessidade de ganhar dinheiro ao prazer de "estar em Canoa", onde o trabalho parecia muito menos maçante e mais recompensador. Outra afirma o importante, que sempre ouvia de jovens como estes, era que para ficar em Canoa era preciso muita "esperteza", ser "desenrolado" e nada mais, o que corrobora a idéia, anteriormente exposta, do clima informal que permeia o trabalho no local e faz-me concordar com a idéia da professora Gloria Diógenes de que Canoa  , por excelência, o espaço do estrategismo.

3.4.2. A "balada" noturna...

Se por um lado durante a manhã nada funciona em Canoa,   noite a ebuli o   total e - quando se tem cidade cheia - costuma adentrar na madrugada até o raiar do outro dia. Depois do horário normal de funcionamento noturno dos restaurantes (até cerca de meia noite) os bares e boates dominam a cena, os sons estrondam dentro e fora das boates e as pessoas se animam mais ainda, movidas pela dança e pelas bebidas vendidas tanto nas boates e bares, como nas barraquinhas de drinques que começam a se preparar ao longo da Broadway - agora travestida em grande pista de dança.

É inegável o fato de que as festas noturnas de Canoa são um dos seus maiores atrativos. Na verdade, os mais assíduos visitantes da vila são pessoas da região que a todo ano vão até lá atraídos pela agitação noturna já famosa do local. Muitos daqueles que enchem, todas as sextas e sábados do ano, as boates de Canoa, nem podem ser considerados turistas, pois passam apenas a noite no lugar voltando pra suas cidades pela manhã. Segundo as narrativas coletadas, até década de 1980 a noite de Canoa era bem parada, somente o forró das sextas feiras perturbava a calma local, sendo que o primeiro bar que surgiu na vila foi exatamente a casa de forró. Depois, em 1980, veio o bar do reggae - que está lá até hoje - que rapidamente tornou-se o predileto do público “hippie” que, como vimos, foi o primeiro grupo de visitantes freqüentes da vila, dentre os quais muitos estabeleceram vínculos e residência no local (ver fig. 16 em anexo 1).

Em 1990, inaugura-se um novo bar bem diferente dos que haviam antes, o "Todo Mundo", visivelmente voltado – como o nome, a decoração e o estilo musical sugerem – para um público que se tornava cada vez mais presente: o dos turistas estrangeiros ou brasileiros que não se identificavam muito com o reggae ou o forró, mais acostumados com ambientes mais pop ou, como no Brasil se costuma chamar, mais “playboy”. Inicia-se a presença constante do que é chamado “turismo tradicional”, mais baseado em relações puramente mercantis, tempo de estadia dos visitantes reduzido e aumento da demanda por serviços em geral. Entendo que este momento é marcante para o entendimento do histórico das sociabilidades na vila, porque a chegada desses novos fenômenos pode ser compreendida como um momento de acentuação de uma dinâmica de disputas sociais que me parecem essenciais para o entendimento sociológico da vila: o conflito entre “progresso” e “tradição” desde sempre tão problemático para a antropologia em geral. Além de seus conflitos anunciados e normalmente presentes nas disputas práticas e discursivas que se travaram ao longo do histórico da vila (alguns dos quais tratados no segundo capítulo deste trabalho), um outro movimento me pareceu interessante para aproximar minha compreensão de como este conflito está imiscuído nas subjetividades dos muitos atores que constituem o campo de disputas visado: a dinâmica das lutas simbólicas entre as estéticas locais.

3.5. "Modernização" e "resistências": a noção de "conflito estético".

Voltando à citação de Pierre Bourdieu dada no início deste trabalho, "[a] sociologia deve ter como objetos (...) as lutas pelo monopólio da representação legítima do mundo social (...) expressão de toda luta de classes (...)", pode-se compreender - tendo em vista a noção mais abrangente de "classe" com que trabalha esse autor - que o que está no centro do conflito simbólico que percebi em Canoa (perpassando diversos momentos de sua história) são os padrões estéticos que concorrem pela dominação relativa daquele ambiente: O padrão "nativista" dos hippies (hoje em dia chamado "neo-hippie") e o padrão "burguês" modernizante. Uma expressão clara desse conflito apresenta-se nas festas noturnas onde se distinguem nitidamente duas *tribos* com seus respectivos *circuitos*: a do pessoal mais "arrumadinho", mais "play", mais "filhinho de papai" (conforme as classificações estigmatizantes habituais com que os não pertencentes ao grupo se referem aos pertencentes do mesmo) e a *tribo* dos "hippongos", "malucos", "bicho grilos" (também conforme os estigmas usuais).

Difícilmente esse conflito é anunciado; na verdade, os grupos assim definidos coabitam e até compartilham os ambientes - ademais tão próximos uns dos outros. Mas é perceptível o fato de que os promotores de ambas as estéticas concorrem, através das músicas que ouvem, das danças, da forma de decoração dos espaços ou das maneiras de se vestir. Na rua principal, onde estão a maioria dos bares e todas as boates da cidade, distinguem-se os "reggeiros" (que ficam, principalmente, nas redondezas do bar do reggae) dos "playboys" (que se espalham, em geral, ao longo das três boates de "dance music" atualmente existentes na vila). Sendo Canoa, como foi visto, um espaço que se modela para atrair o "consumo do lugar", percebe-se que os dois modelos estéticos acima citados concorrem a todo tempo pela atração de seus respectivos "compradores" para sua área de influência, uma vez que, como já comentei, parte-se do consenso tácito de que o turismo é o provedor econômico por excelência da vila. Segue-se que a concorrência entre os lugares e suas propostas estéticas pela maior ou menor atração desses provedores faz-se uma necessidade num contexto de economia mercado. Assim, os "consumidores" do lugar seriam o grande *objeto de valor* nesse *campo de lutas simbólicas*, legitimadores do valor distintivo da estética que lhes atrai.

Mas não é somente no sentido econômico que este conflito se justifica. Ele se imiscui naqueles imponderáveis das pequenas coisas da vida cotidiana dos atores que constituem a cena em questão, em sua economia de afetos, interesses e visões de mundo, aonde a percepção da estética se infiltra de formas sutis e quase imperceptíveis. Fazer parte de um grupo, por si só, exige provas de fidelidade, de que se compartilham símbolos, ideologias e atitudes em comum. Esses signos são condições de acesso aos bens simbólicos ofertados pelos grupos e o estar “inteirado” na rede de relações e cumplicidades que unem as pessoas nesses contextos depende disso.

Entre os moradores e os mais assíduos freqüentadores da vila pode-se constatar, a partir da livre observação, a grande medida em que a estética neo-hippie é importante: quase não se vêem pessoas sem adereços, roupas ou tatuagens que evoquem seus elementos. Além disso, o reggae é a música de fundo em Canoa, sempre presente, inclusive, em eventos mais formais, como na solenidade de inauguração da estrutura requalificada do distrito - com a presença do governador do Estado. A relevância dessa estética na vila se deve, em grande medida, ao fato de que foram os hippies os primeiros “colonos” da vila de pescadores originária, onde exerceram grande influência e criaram laços duradouros de relações. O que pretendo dizer é que o “processo de turistificação” do lugar, que também pode ser visto como um processo de “pacificação mercantilizadora” do mesmo, da início a uma luta simbólica onde o imaginário e os ideais anti-capitalistas dos hippies são postos em questão. Nesse sentido, os conflitos estéticos que descrevemos acima fazem parte desse contexto de choque entre representações que tentam legitimar sua hegemonia neste espaço.

As reformas de “requalificação” da vila podem ser compreendidas, como já disse, como mais um momento marcante desses processos abrangentes. Todas as obras e seus novos equipamentos contribuíram para a re-elaboração do cenário turístico da vila, organizando melhor o espaço para a recepção permanente de visitantes e tornando mais fáceis as trajetórias destes dentro dos atrativos principais pensados para a vila. Junto com as reformas, vários novos empreendimentos surgiram ao longo da rua principal e, mesmo os antigos prédios, foram reformados e embelezados dando uma aparência mais limpa e organizada ao cenário que ia sendo reformulado dessa forma.

A intenção de melhorar a “qualidade do turismo” praticado na vila foi bem sucedida em grande medida, pois o turismo familiar e os visitantes mais velhos tornaram-se mais freqüentemente visíveis. Tudo isso na contra mão da tendência anterior de um turismo cada vez mais jovem e noturno, dos “mochileiros” que eram os mais presentes no local. A tentativa de tornar o turismo mais “seleto” foi inclusive anunciada por muitas das lideranças que estiveram à frente do processo:

Canoa tava ficando muito mal freqüentada, muito turismo sexual, gente que só queria farra de noite e que gastava muito pouco aqui sabe? Já o turismo mais de família pra gente é melhor porque o pessoal fica nas pousadas, come nos restaurantes, não suja tanto como os farofeiros que vêm só pra passar a noite na baderna! (comentário de um senhor líder comunitário e morador da vila em entrevista concedida em setembro de 2004).

Um representante da Secretaria de Turismo do Estado também comentou o assunto:

(...) eu mesmo não vinha mais pra Canoa porque o clima aqui tava muito pesado, só vinha a malucada e os gringos atrás das mulheres daqui. Eu percebi que com a reforma as pessoas passaram a melhorar seu comércio, ta tudo mais limpinho, mais bonitinho e a gente já tem visto que as pessoas estão gostando, as famílias de Fortaleza estão voltando a vir pra cá, eu acho que ficou tudo bem mais organizado, mais seguro, mais iluminado, mais limpo... (entrevista feita na ocasião da inauguração das novas estruturas da vila em julho de 2004)

As fotos de antes e depois e as reportagens colhidas em jornais e na televisão corroboram a idéia de que o ambiente na movimentada rua principal ficou mais limpo e “atraente” (Ver os recortes de jornal do anexo 2). Antes, na época de chuva, a rua de areia ficava cheia de lama, obrigando as pessoas e veículos a se desviarem; na seca, uma grande nuvem de poeira cobria o ambiente aos fins de tarde, com o aumento da circulação. O acesso à praia, a drenagem das águas da chuva, os espaços para a circulação e estacionamento de veículos também foram melhorados em vários pontos, conforme se pode ver nas figuras do anexo.

Porém, se esta tendência à “modernização” pode parecer inexorável, é impossível desconhecer a importância da resistência que advém de dois grupos principais - que muitas vezes se aproximam - e que se difunde pela sociedade canoense em geral. Por um lado, temos a resistência estética e valorativa do grupamento neo-hippie da vila, constituído tanto de moradores quanto de visitantes que difundem práticas mais naturalistas e menos mercantilistas de vida, ao menos nos seus discursos. Trata-se de um grupo que tenta “resistir” ao *modus operandi* das práticas mercantilistas de vida que adentram no espaço em questão, adaptando-se, em certa medida a essas práticas, mas, por outro lado, agrupando-se

em torno de uma cultura compartilhada relativamente "subversiva" em relação àquele *modus operandi*. Os hippies conseguiram se legitimar em Canoa enquanto grupo cultural e socialmente relevante e estética que merece seu "preço", o que pode ser confirmado quando se percebe que estes constituíram seu roteiro próprio, que vai dos luais na praia na barraca de um reggaeiro argentino e seus colegas "rastafaris" ao "bar do reggae", aberto e bastante freqüentado há décadas na rua principal. Tem-se aqui uma manifestação daquilo que Sahlins chama "indigenização" social, para caracterizar essa "resistência do oprimido" que toma as vias do mercado para legitimar suas práticas anciãs - no caso, um padrão estético e um conjunto de valores anticapitalistas que estes continuam a professar¹⁰. Aqui os exemplos poderiam derivar das falas que ouvi dos chamados hippies de Canoa em vários momentos, negando "necessidades" de consumo, afirmando-se como "cidadãos do mundo" e não de uma ou outra nação, etc.

Por outro lado, há o grupo dos agentes comunitários conscientes que procuram a dianteira das transformações que se operam na vila para minimizar seus "efeitos perversos" para a comunidade local. O nível de consciência desses atores, dentro do contexto em questão, impressiona pela lucidez de suas formulações.

Cientes, por exemplo, da desigualdade das condições de conseguir emprego por parte dos jovens da vila, principalmente os mais carentes e mais ignorantes a respeito das "competências" estrangeiras que se legitimam nos espaços em questão (conforme demonstrei acima), estes agentes comunitários fazem questão de pensar em políticas educacionais que visem atender justamente esses mais carentes (como cursos de línguas e computação). Um deles comentou, inclusive, que fazia questão de pegar os mais "deseducados" para trabalhar em suas empresas, para ajudá-los, "educando-os desde o início".

Um outro informante costuma sempre falar da necessidade de se expandir a cultura local para melhorar as condições de vida das pessoas, e disse-me certa feita uma frase que até hoje não me saiu da cabeça por seu otimismo ao lidar com a questão da modernização: "não importa o que eles fizeram com a gente, importa o que nós vamos fazer com o que eles fizeram conosco".

¹⁰ Mais recentemente Mafessoli (1987) denominou de "potencia subterrânea" essas resistências espontâneas que surgem em todos os grupos diante das investidas por um ordenamento puramente racional e burocrático.

IV- (DES)CONSIDERAÇÕES FINAIS OU DO “ESPANTO” CONTEMPORÂNEO:

No início de junho de 2004 inaugurava-se, em Canoa, um novo espaço de lazer que, desde seu lançamento, passou a ser a mais nova atração da balada noturna canoense. Chamava-se, anacronicamente, NO NAME (assim escrito com letras de forma), uma nova boate arquitetônica e decorativamente surpreendente para os padrões da vila: era a primeira a abandonar de vez a típica estética da rusticidade presente em todos os empreendimentos locais (de forma espontânea ou simulada). Pela aparência dessa nova boate percebi logo a intenção de acompanhar a tendência "moderna" do mais novo modismo em termos de festas para jovens no mundo ocidental, as festas "rave". A adesão foi espontânea, o lugar passou a ser o mais disputado pelos jovens na noite canoense, muitos diziam ter vindo à Canoa só para conhecer o tão comentado novo lugar (ver Jornais 2 em anexo 2)

Com o novo espaço, uma nova prática. Era o primeiro lugar em Canoa a interditar explicitamente, com uma plaqueta colocada à porta, a entrada de pessoas descalças ou sem camisa em suas dependências. Na intenção dos donos, a regra era claramente uma tentativa de "qualificar" seu público, "embelezar" - e, porque não - e "pacificar" seu ambiente. Para o histórico das modificações da vila era um fato marcante, pois tratava-se de uma proibição para uma atitude antes costumeira, por exemplo, para alguns orgulhosos pescadores que gostavam de sair à noite sem camiseta ou sandálias. Ninguém sequer notou, ninguém reclamou, tudo não passou de um pequeno detalhe.

Rendeiras e pescadores em Canoa também estão se tornando escassos, é bem mais fácil e lucrativo vender breves passeios de barcos, e quem tem paciência hoje em dia para ficar horas e horas a tecer toalhinhas de mesa? Os jovens preferem o trabalho em restaurantes e pousadas, ou mesmo passar os dias à praia.

Com maior e maior frequência, cruzam os céus de canoa em grandes equipamentos de vôo, os paraglaiders e kite-surfistas (será assim que se escreve? Nos dicionários nada consta), assim como cruzam as dunas com incrível facilidade os jipes quatro por quatro (ver fig. 17 em anexos 1). Conta-se que antes demorava quase um dia todo para levar um enfermo até Aracati para ser tratado no hospital do Município. O doente era colocado em uma maca improvisada com troncos de árvore e um pano e era levado por quatro fortes homens através das dunas até seu destino percorrendo de 13 a 15 quilômetros de distância.

Quando começou a idéia de se construir a estrada de acesso asfaltado até a vila, alguns dos chamados “hippies” mais críticos protestaram, dizendo que tudo ia piorar com a chegada da “modernização”. O próprio conjunto dos “nativos” da vila abafou a crítica de seus colegas, ficaria muito “mais fácil” para eles com estrada, dizia-se (ver Cirino, 1990).

Uma senhora, conversando comigo, reclama que a maior de suas preocupações é quanto aos perigos “desse mundo da noite”, diz não saber por onde anda sua neta nessas horas e temer muito por ela. Encontro sempre a garota de 14 anos na praia ou nas festas da noite, ela parece adorar, caminha despreocupada por um mundo que ela pensa entender, é o “seu” tempo, talvez não seja mais o de sua avó, que diz que “não entende mais nada”.

A contemporaneidade impressiona a todos, tanto mais quanto mais passam os nossos dias, as mudanças são rápidas, a incerteza é perene. Não quero dar nada por muito concluído neste trabalho, as coisas continuam acontecendo. Canoa Quebrada – talvez mais do que nunca – está em evidência. Nacional e internacionalmente aparecem matérias sobre a praia na grande mídia. No meio acadêmico outras leituras e releituras continuam surgindo, novos discursos, novos fatos, novos espantos.

BIBLIOGRAFIA:

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BENEVIDES, Ireleno P. *Turismo e PRODETUR: dimensões e olhares em parceria*. Fortaleza: UFC, 1998.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. *Lição sobre a lição*. 1982

CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002

CIRINO, C. A. M. *Pescadores em terra: o caso Canoa Quebrada. O imaginário no processo de transformação de uma colônia de pescadores do litoral cearense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 1990.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: introdução a antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, 2 v.

_____. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *O Saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992

GONDIM, L. M. P. *Os "governos da mudança" (1987-1994)*. SOUZA, S. Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

GONDIM, Linda M. P. e LIMA, Jacob Carlos. *A pesquisa como artesanato intelectual: Considerações sobre método e bom senso*. João Pessoa: Manufatura, 2002.

GUIMARÃES, Alba Z. *Desvendando mascaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

_____. *Antropologia estrutura dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. *A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*. João Pessoa: Idéia, 2002.

MAFESSOLI, Michel. *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MALINOWSKI, Bronislaw K. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Textos selecionados: De Mauss a Claude Lévi-Strauss*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. *Uma aldeia que não é mais aldeia: o discurso do paradisíaco na publicidade turística - o caso Canoa Quebrada*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2004.

ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. Rio de Janeiro: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

PARENTE, Josênio & ARRUDA, José M. (organizadores); CARVALHO, Rejane V. Accioly... [et. al.]. *A era Jereissati: modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

PLANO DE REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA DE CANOA QUEBRADA. Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Ação Social de Aracati, 1998 (mimeo).

RODRIGUES, Adyr A. B. *Geografia e turismo: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. *O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I e II)*. In: *Revista Mana: Estudos de antropologia social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997, números 1 e 2.

SIMMEL, George. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org. e Int.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para a antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto & L. A. MACHADO DA SILVA. *Organização social do meio urbano*. S.N.T., 1976, mimeo.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org. e Int.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus lógico-philosóphicus*. São Paulo, EDUSP, 1994

ANEXO 1:



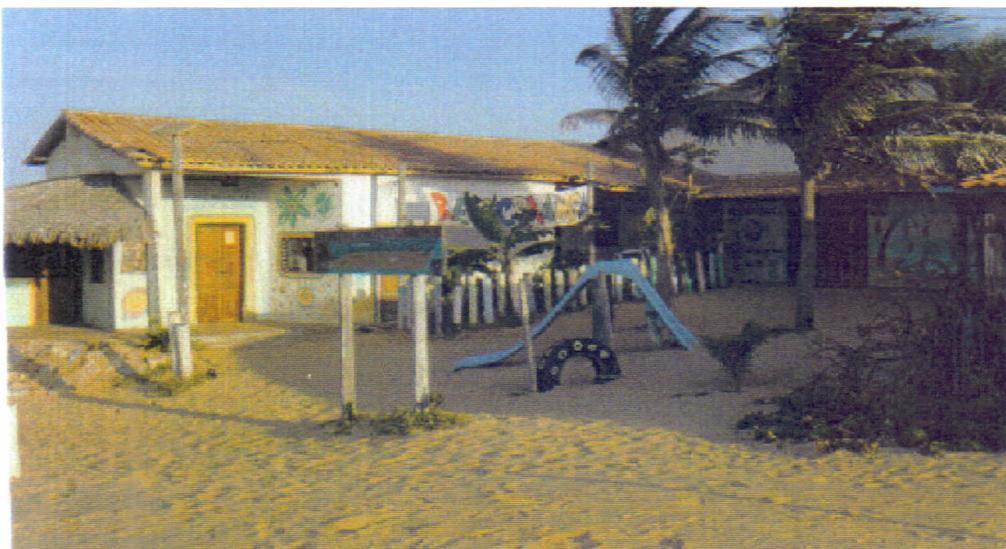
(Fig. 1) Na entrada da vila uma enorme placa anunciava as reformas e seus financiadores desde Fevereiro de 2003.



(Fig. 2) Placa colocada na inauguração das obras em julho de 2004, presença do governador do estado, prefeitura e secretaria de turismo.



(Fig. 3) “Freedow bar”, a barraca dos “reggeiros”, pela manhã, completamente vazia.



(Fig. 4) RECICRIANÇA, Organização não governamental sediada no povoado do Estevão, desenvolve trabalhos esportivos e educacionais com as crianças da vila com apoio do Conselho Comunitário e agências filantrópicas de internacionais.



(Fig. 5) Vista da plataforma montada durante a “requalificação”, vista privilegiada e acesso facilitado para a praia.



(Fig. 6) “Broadway” antes das reformas, rua de areia (acima).

(Fig. 7) “Broadway” depois das reformas, calçamento estilizado, bancos, lixeiras e iluminação (abaixo).



(Fig. 8) Sub-habitações há cerca de 100 metros da “Broadway”



(Fig. 9) Obras de drenagem durante a execução das reformas, muitos transtornos para os moradores e turistas, poeira, barulhos, vias interrompidas, etc.



(Fig. 10) Maquinas trabalhando.

(Fig. 11) Exemplo das novas estruturas. Foram feitos grandes estacionamentos para carros e ônibus.



(Fig. 12) Barraca “Arco Íris”, exemplo de pequeno empreendimento na praia.



(Fig. 13) Barraca “Chega Mais”, exemplo de grande empreendimento, grandes contratos com agencias de turismo e certificados de qualidade concedidos pelo sebrae.



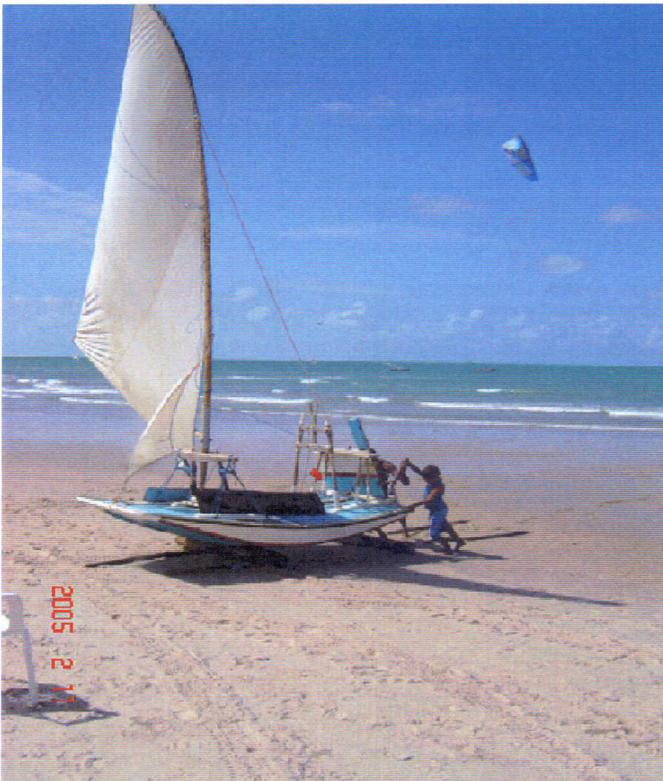
(Fig. 14) “Artesanal”, restaurante da Broadway, estética *Rustique Sofistique*.



(Fig. 15) Na Broadway a noite, iluminação branda e múltiplas opções de consumo.



(Fig. 16) "Bar do Reggae", na Broadway, importante ponto no circuito dos "reggeiros".



(Fig. 17) Cena que se torna típica em Canoa, a mistura das inovações em técnicas de lazer contemporâneas com os costumes “tradicionais”, na foto, pescadores recolhem o barco voltando do mar enquanto um “kitesurfista” desliza na água com seu equipamento.

ANEXO 2:

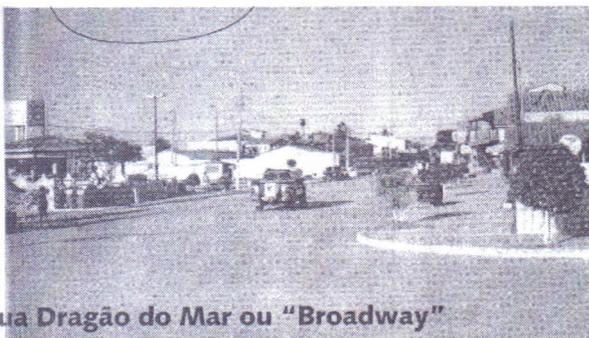


(Jornais 1) Canoa Quebrada em evidência: depois das obras os bons comentários, reportagens e propagandas da vila passam a aparecer com maior frequência nos meios de comunicação regionais, locais e internacionais. Começa uma temporada de grandes eventos trazidos para a vila e de multiplicação de eventos “culturais”.

Fonte: Jornal O Povo, Caderno, Ceará de 11 de março de 2005, Página 10.



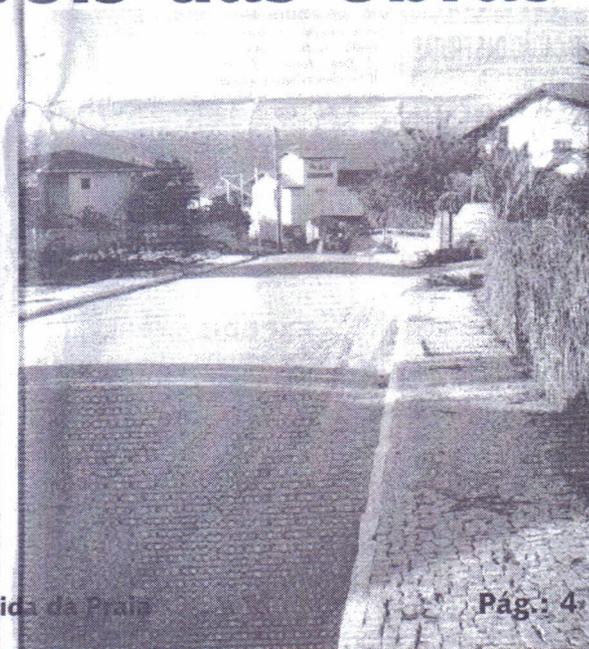
BOATE No Name, em Canoa Quebrada, point preferido pelos turistas



Entrada de Canoa Quebrada - Rua Dragão do Mar ou "Broadway"

Canoa Quebrada

Antes e depois das obras



Rua Descida da Praia

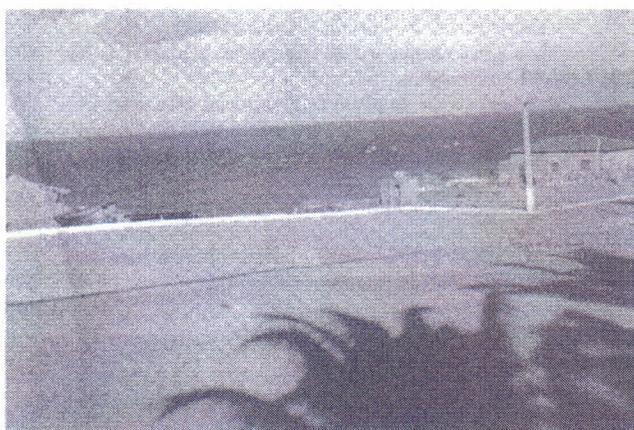
Pág.: 4

(Jornais 3) O jornal da localidade CANOARACATI destacou a importância das reformas e trouxe fotos comparativas de "antes e depois das obras".

Fonte: Jornal Canoaracati, ano IV, número XXVI. Página 4; Dezembro 2003 – Janeiro 2004.



Buraco na rua produzido pela erosão pluvial...



... que agora não acontecerá com o calçamento

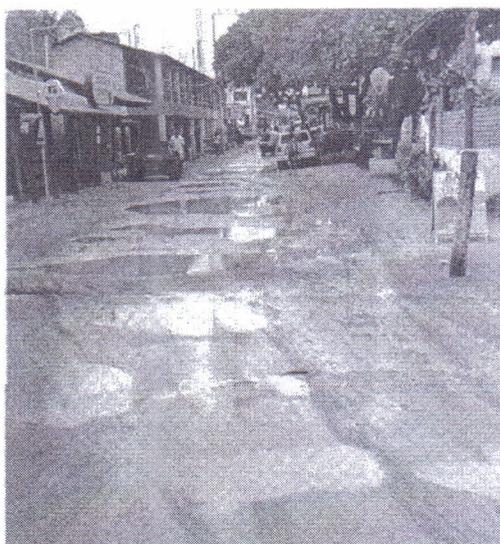
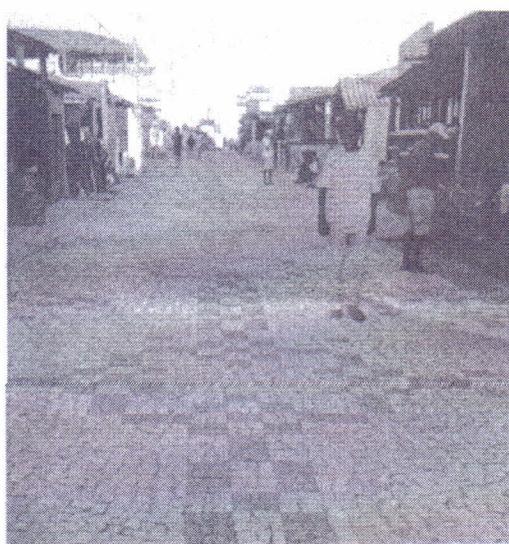


Imagem que não veremos mais: Rua Principal depois da chuva...



... e agora com o calçamento construído

Idem foto acima.